

# XXXIV CICLO DE DEBATES EM HISTÓRIA ANTIGA

## VIDA E EXPERIÊNCIAS DO TEMPO



## CADERNO DE RESUMOS



CADERNO DE RESUMOS

# VIDA E EXPERIÊNCIAS DO TEMPO

---

XXXIV CICLO DE DEBATES EM HISTÓRIA ANTIGA

## ORGANIZADORES DO CADERNO

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Moreira da Costa**

**Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lorena Lopes da Costa**

**Prof. Dr. Pedro Vieira da Silva Peixoto**

## EQUIPE TÉCNICA DO CADERNO

**Amanda Borges**

**Amanda Lima**

**Amanda Lemos**

**Larissa Fernandes**

**Mayan Braga**

**Roberta Rubinstein**

APOIO



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	5
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES E CONFERÊNCIAS .....	6
SEGUNDA-FEIRA .....	7
TERÇA-FEIRA .....	24
QUARTA-FEIRA .....	34
QUINTA-FEIRA .....	52
RESUMO DA PROGRAMAÇÃO .....	67
ÍNDICE DE AUTORES .....	68
UNIVERSIDADES PARTICIPANTES .....	70

## APRESENTAÇÃO

Reconhecer que a vida social existe dentro de uma dimensão histórica é uma tarefa importante. Afinal, ela nos possibilita entender que não apenas práticas culturais, instituições, leis, expressões religiosas, estruturas de poder, relações econômicas e tantas outras esferas da vida são todas dotadas de historicidade, mas, além disso, também nos permite refletir como nossas próprias existências e individualidades são marcadas por experiências do tempo e com o tempo. Ritos sociais de passagens, mudanças corporais que ocorrem com o passar dos anos, aquisição de novas experiências, todos estão intrínseca e invariavelmente relacionadas ao viver. Essas extensões da vida, submetidas, como tudo, à cronologia, seja ela pessoal ou coletiva, adquirem contornos próprios conforme a sociedade e o tempo histórico, ganhando simbolismos, valores e significados próprios.

Assim, o Ciclo de História Antiga deste ano de 2024 invita a uma reflexão sobre a vida e a experiência do tempo em suas mais variadas formas durante a Antiguidade. Abre-se, portanto, um espaço de reflexão dupla: quer sobre análises focadas mais nas experiências pessoais e o modo como elas são tratadas pela sociedade, como no caso do crescer, do envelhecer, dos ritos de passagens, das experiências adquiridas sejam elas traumáticas ou benéficas, ou, em uma perspectiva mais geral, sobre as relações construídas coletivamente sobre o viver (filosofias, preceitos, idealizações, dimensões religiosas) e as experiências do tempo.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES E  
CONFERÊNCIAS

## SEGUNDA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2024

### MESA COORDENADA 01 – SALÃO NOBRE (14:00 às 15:30)

**TEMA: Perspectivas antigas de apresentar história(s)**

**Coordenador: Rainer Guggenberger (UFRJ)**

#### **Homerices em Batracomiomaquia e as traduções de Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão**

*Rainer Guggenberger (UFRJ)*

A partir do texto grego como também das quatro versões tradutórias de Batracomiomaquia – obra cômica ora atribuída a Homero ora considerada pseudo-homérica – do diplomato e intelectual brasileiro Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão, tentaremos refletir sobre o tipo de paródia da *Ilíada* que a obra em questão configura, sobre a razão e a maneira do seu uso de animais em lugar de heróis humanos, sobre o estilo e a estilização dos seus discursos, inspirados na linguagem homérica, e sobre o que podemos aprender sobre a Antiguidade quando analisamos a obra. Além disso, apresentaremos as diferenças das quatro traduções luso-brasileiras que Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão nos oferece na sua edição de 2019 (embora as traduções sejam de 1999 e antes): uma em prosa cingindo-se à letra do original, uma em hexâmetros portugueses regulares, uma em sétimas decassílabas, parodiando as oitavas decassílabas camonianas e outra em prosa corriqueira.

#### **A escrita com valor jurídico em papiros coptas**

*Vinicius Francisco Chichurra (UFRJ)*

Dentre a imensidão linguística que a língua egípcia oferece, o copta destaca-se como a sua última fase. Com seu apogeu a partir do século III d.C. devido à influência helênica trazida pela dinastia ptolomaica, o copta foi um importante instrumento para a produção escrita em regiões egípcias. A interposição de termos gregos num sistema linguístico milenar acabou sendo refletida na língua falada e a inserção dos caracteres gregos foi introduzida e usada em diferentes formas de documentos, tais como de natureza litúrgica, comercial e jurídica. Essa comunicação visa fornecer uma amostra acerca de documentos de caráter jurídico encontrados em papiros escritos na região de Tebas, no Egito, em um espaço temporal entre os séculos IV e VIII d.C. Trata-se de garantias, concessões, escrituras e acordos entre cidadãos da região de Djeme – localizada à margem ocidental do rio Nilo – e mosteiros que administravam as vilas ali instaladas. Esses documentos seguem uma fórmula padrão para a escrita de documentos da época e foram escritos de próprio punho pelos participantes dos processos; apresentam, também, o caso de forma detalhada, registrando nos papiros as diferentes histórias de

pessoas comuns e como se dava a relação social e legal dentro de um regime ptolomaico com forte influência cristã.

### **Representação de Agesilau II no encômio de Xenofonte**

*Gabriel Heil Figueira da Silva (UFRJ)*

Dialogando com o título da mesa “Perspectivas Antigas de Apresentar História(s)”, a apresentação visa mostrar uma das perspectivas sobre a forma como Agesilau II foi representado no encômio homônimo escrito por Xenofonte. O autor ateniense escreveu obras de gêneros diversos, como historiográficos, com destaque para As Helênicas e Anábase, diálogos socráticos, com destaque para Econômico e a Apologia de Sócrates, além de alguns tratados, o que também lhe servem a alcunha de historiador e filósofo. Segundo Finley (p.381, 1959) Xenofonte nasceu em uma família com recursos suficientes para lhe dar uma educação distinta, talvez por isso o seu apreço por equitação, questões militares, escrita e filosofia. Sua diversidade de assuntos é, para Werner Jäger, um dos motivos de Xenofonte ter uma predileção dos leitores da antiguidade (p.951, 1957). O encômio Agesilau, escrito já depois da morte do líder espartano, como o próprio gênero e título sugerem, é um elogio ao notável rei de Esparta. Dessa forma, é interessante notar sob qual perspectiva Xenofonte apresenta a figura histórica e como apresenta os fatos que o cercam. Tendo como referência o debate levantado por Gabriel Cabral Bernardo, em seu escrito, Como elogiar um rei espartano: distanciando Agesilau de Esparta no encômio de Xenofonte (2020), a apresentação visa expor os distanciamentos que Xenofonte faz entre Agesilau e características espartanas, e quais seus desdobramentos. A comunicação pretende mostrar alguns pontos levantados por Gabriel Cabral Bernardo, no que tange às razões pelas quais Xenofonte faz esse distanciamento, apresentando excertos do texto onde isso é feito. Também pretende-se discutir como Xenofonte apresenta alguns registros históricos e, como eles dialogam com suas obras historiográficas. Por fim, a apresentação também apresenta um pouco do andamento do trabalho de doutorando do comunicador junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ, cujo título é Agesilau de Xenofonte: Tradução e análise da representação de Agesilau II.

### **Recepção e reinterpretação literárias no romance grego: O caso de Aquiles e Quéreas em Quéreas e Calíroo**

*Bruna Silva de Abreu (UFRJ)*

Quéreas e Calíroo de Cáriton de Afrodísias, (datado entre I d.C e II d.C) conta uma história de amor que aconteceu após a Guerra do Pelonopese onde Calíroo, filha do general Hérmocrates, conhecido por comandar as tropas da Sicília contra os ataques atenienses em 424 a.C, desposa Quéreas. Esse último, inúmeras vezes, é equiparado com outras figuras literárias conhecidas por sua destreza em

batalha e beleza marcante, dentre eles, especialmente Aquiles. A relação entre Aquiles e Quéreas ao longo do romance pode ser vista de inúmeras maneiras, sobretudo a partir de como suas paixões exacerbadas (a coléra e o ciúme, respectivamente) interferem drasticamente nas suas decisões. Além disso, é possível perceber como paralelos entre ambas as personagens são estabelecidos a partir da idealização da própria morte. Portanto, a presente comunicação objetiva apresentar a leitura feita de Aquiles por Cáriton ao escrever seu romance, partindo da possibilidade de que o autor possa ter sido influenciado também por outras interpretações da figura de Aquiles, especialmente pela releitura de autores elegíacos.

**MESA COORDENADA 02 - SALA 227 (14:00 às 15:30)**

**TEMA: Experiências religiosas no Mundo Mediterrâneo**

**Coordenador: Ana Beatriz Siqueira Bittencourt (UFRJ)**

**A cosmologia judaica e a soberania divina no texto de Isaías**

*Ana Beatriz Siqueira Bittencourt (UFRJ)*

O texto de Isaías, narrativa datada entre os séculos VI e V a.C., se apresenta como um significativo relato judaico do período marcado pela ascensão e dominação da região pelo Império Babilônico. Considerado em seu contexto como um livro de tradição profética, se apresenta como uma convocação à comunidade judaica para retorno aos princípios religiosos fundamentais. Para uma análise mais detida, tomamos em especial o capítulo 40 – referenciado como período do segundo Isaías –, no qual o autor ao apresentar a cosmologia judaica identifica ao longo da narrativa estruturas e elementos no cosmos, envoltos no entendimento teológico e na mensagem profética proclamada. Neste sentido, este trabalho busca analisar a forma como a cosmologia e a geografia cósmica são apresentadas na tradição judaica no contexto do livro de Isaías, e como esta argumentação reafirma a soberania da divindade e o seu controle em meio ao contexto histórico vivido. Dentro da cosmovisão judaica o Deus criador estabelece uma ordem às estruturas celestes, definindo funções e posições, relação que é possível observar também em outros textos da Bíblia Hebraica que narram o processo de criação do universo. Assim, o texto de Isaías estabelece um chamado à observação sistemática do céu, não no sentido astrológico místico de predição, mas no sentido de uma identificação quase que quantitativa e qualitativa que expressa uma atribuição de ordem e sentido da vida.

***Anima et animus: A natureza materialista da alma no De Rerum Natura de Lucrécio***

*Paulo Marcio Feitosa de Sousa (UNIRIO)*

A compreensão romana a respeito da morte e dos diversos elementos que compõem uma eventual vida póstuma, incluindo a alma, variou não só ao longo dos séculos. Distintas crenças e princípios podem ser detectados em um mesmo lugar e tempo, com variações individuais. No caso dos

intelectuais romanos, elementos culturais e filosóficos helenísticos são determinantes na construção de suas ideias sobre a morte, a alma e uma eventual existência no além-vida – especialmente no século I AEC, quando grandes escritores formaram um sistema coerente, elaboraram uma cronologia, estabeleceram lugares comuns e produziram uma nova ordem lógica, ao mesmo tempo em que disputaram, direta ou indiretamente, as influências e os espaços filosófico, intelectual e político da sociedade da época, impulsionados pelas atividades reflexivas das escolas filosóficas helenísticas. Logo, visando identificar algumas das diferentes concepções romanas sobre a morte, a alma e o pós-vida, pois no campo da crença seria uma tarefa impossível detectar todas, utilizarei um proeminente pensador, poeta e filósofo da República romana tardia, inserido em um processo de recepção, interpretação, apropriação, adaptação, renovação e divulgação de textos filosóficos gregos para o latim: Tito Lucrécio Caro. Esse autor viveu e escreveu durante o período de formação dessa identidade romana, atuando na invenção, memorização, desmantelamento e seleção de tradições, e nos oferece perspectivas sobre mortalidade, imortalidade e o papel da alma na experiência humana, nos permitindo vislumbrar esses elementos que integravam a identidade romana.

**Judaísmo e Cristianismo no século I d.C.: Rupturas e continuidades entre suas experiências religiosas**

*Jefferson Roberto Batista dos Santos (UNIRIO)*

Paulo de Tarso foi uma das figuras mais importantes da história da religião cristã e a personagem antiga sobre a qual mais se produziu pesquisas historiográficas. Uma das façanhas atribuídas a Paulo é a separação entre judaísmo e cristianismo, dando origem a uma nova religião. Apesar da grande aceitação de tal alegação, não se deve aceitá-la sem levar em consideração a fluidez de identidades no interior do judaísmo do Segundo Templo e entre judeus e os seguidores de Jesus de Nazaré. Os primeiros adeptos dos ensinamentos de Jesus eram judeus, bem como a maioria daqueles que viriam a aderir a tais ensinamentos nas décadas seguintes. Paulo de Tarso foi um dos principais responsáveis para que esses ensinamentos rompessem as barreiras do judaísmo e alcançassem adeptos entre os chamados gentios em diversas regiões do Mediterrâneo. O resultado disso foi uma nova forma de devoção a Javé, porém inicialmente não podemos falar de uma nova religião, embora possamos afirmar que se deu início a uma nova experiência religiosa. A relação entre os seguidores de Jesus de Nazaré e os diversos grupos judaicos é de rupturas e continuidades que, inclusive, aparecem de forma bastante acentuada nas cartas de Paulo de Tarso, nas quais podemos perceber o início de uma nova experiência religiosa. Os escritos paulinos se tornam documentos fundamentais para a compreensão da nova experiência religiosa e suas relações com o judaísmo.

**SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 01 – SALA 106 (14:00 às 15:30)**

**Coordenador: Gisela Chapot (UFRJ)**

**Imagem e infância no antigo Egito: as cenas de pesca e caçada nos pântanos em tumbas tebanas da décima oitava dinastia**

*Gisela Chapot (UFRJ)*

Imagens de não-adultos povoam o universo decorativo do antigo Egito em todos os períodos históricos. Seja a representação infantil de um governante, de uma divindade ou a presença de descendentes nas tumbas de familiares, a criança sempre ocupou seu espaço nos assuntos de arte egípcia antiga. Todavia, embora presente em pesquisas de Egiptologia com alguma frequência, foi apenas recentemente que estudiosos passaram a destacar os papéis exercidos por não-adultos, cujas imagens hoje são encaradas como dotadas de agência, potência e até com certo protagonismo nas cenas funerárias.

Esta comunicação tem como objetivo analisar os papéis desempenhados pelos descendentes de membros da elite tebana da XVIII dinastia nas cenas de captura de aves e pesca nas margens do Nilo durante os reinados de Tutmés IV (1400-1390 a.C.) e Amenhotep III (1390-1352 a. C.) no Reino Novo. Dotadas de grande vivacidade e simbolismo, tais cenas eram de grande importância para o renascimento do morto, objetivo primordial no culto funerário egípcio. Para tal, selecionamos as tumbas tebanas 52, de Nakht e 69, de Menna, ambas erigidas durante os supramencionados reinados, pois se configuram como alguns dos melhores exemplares conservados dentro do recorte temporal indicado, em conjunto com o afresco proveniente da tumba tebana de Nebamun.

**Cleópatra VII: Reflexões Sobre a Recepção do Imaginário da Rainha Egípcia no Brasil dos Séculos XX e XXI**

*Jéssica de Moraes Silva (UFRJ)*

A figura de Cleópatra VII é muito popular quando o assunto é retomar a história do Egito Antigo. Nesse resgate, a rainha é frequentemente associada ao arquétipo de mulher má e sedutora, mas como essa narrativa foi construída ao longo do tempo? E quais são as demandas atuais? A presente pesquisa traz apontamentos a fim de estimular uma reflexão sobre a recepção do imaginário de Cleópatra VII (51-30 A.E.C.) no Brasil dos séculos XX e XXI. A investigação parte da análise dos discursos sobre a rainha em diferentes suportes que corroboraram para mitificação de sua imagem na cultura ocidental, percorrendo, assim, a propaganda romana de Otávio; ilustrações/gravuras neoclássicas inglesas e norte-americanas da obra de William Shakespeare; filmes que tiveram impacto no cenário nacional e ajudaram a construir (ou reproduzir) a iconicidade de Cleópatra ("Cleópatra" de 1917;

"Cleópatra" de 1963 e "Cleópatra" de 2007) e a nova série da Netflix de 2023 "Rainha Cléopatra". Articulando a análise de objetos artísticos, documentos jornalísticos e produções fílmicas e o estudo de textos historiográficos sobre Cleópatra, é possível traçar brevemente paralelos para se pensar não só sobre a história da governante, mas em como foi contada a história das mulheres dentro da história antiga.

**Conexão Egito Palestina Antigos - Uma análise através da arqueologia dos sepultamentos. 2200-1900 A.E.C. – Idade do Bronze (em retroprojeções)**

*Paulo César de Souza (UERJ)*

A arqueologia dos sepultamentos está muito mais ligada à vida do que com a morte propriamente dita, conseqüentemente com as experiências e o tempo; e suas representatividades antigas se conectam com o contemporâneo. Jung afirma que os historiadores da religião estão traduzindo “essas crenças em conceitos modernos inteligíveis e adquirem vida com os antropólogos, mostrando que as mesmas formas simbólicas podem ser encontradas nos ritos e nos mitos” (JUNG, 2016, p.136), dialogando com novos conceitos das sociedades contemporâneas sob um olhar global, conectado e comparativista. Os artefatos vão além da posição social e da personalidade do indivíduo; e são concernentes ao cotidiano, ritos de passagem, sincretismo religioso, ligados a uma economia substantivista e uma policracia compartilhada entre egípcios e cananeus. Percebemos que o estigma da morte mudou com a construção de um monoteísmo necropolítico selado com as sociedades pós-industriais; imprimindo a ideia do pós-morte em detrimento do pós-vida da Antiguidade. Artefatos e sítios arqueológicos que revelam uma economia integrada, compartilhamento de ideias, crenças interculturais, continuidade da vida; para além das tumbas horripilantes e cenários cadavéricos de cemitérios noturnos; reflexo de um psíquico transtorno social das sociedades modernas-civilizadas em decadência. Podemos fazer estas leituras através de vestígios arqueológicos como Beni Hassam, do Bronze Intermediário, onde uma pintura na parede da tumba, pertencente a um dignitário, retrata 37 semitas indo ao Egito. Esse registro mostra a facilidade com que as tribos nômades e seminômades acessaram as fronteiras, promovendo os intercâmbios nas rotas comerciais do Crescente Fértil e Bacia do Mediterrâneo. Mas, porque um registro como este estaria dentro de uma tumba fechada e lacrada? Para que decorar uma tumba num ambiente de morte sem nenhum acesso? Que experiências com o tempo tinham os habitantes da antiguidade com o cenário mortuário? Aváris também é um sítio arqueológico no Delta do Nilo que mostra o início de um assentamento cananita que ganhou proeminência com a mineração no Sinai pelos egípcios, fomentando um comércio intercultural com o Levante. Para os arqueólogos, as evidências antropológicas indicam que não eram de origem egípcia, e sim cananeus altamente agipcianizados de uma troca cultural para além do nosso

entendimento míope geopolítico. E o Vale do Refaim em Jerusalém, um cemitério do Bronze Médio com 67 tumbas e dois templos mortuários que revelam uma conexão funerária politeístas indicando a religiosidade política no cenário de uma Palestina Antiga plural. A tumba 7, intocada, mostrou praticas funerárias em conexão com o Egito Antigo. O compartilhamento de ideias no Mediterrâneo através dos portos e embarcações, estradas e rotas criavam a networking da antiguidade; mesmo com suas diferenças. Portanto, os ritos funerários eram conectivos e interculturais, políticos e comerciais numa “ausência de qualquer desejo de obter lucros da produção e troca, não funcionando o ganho como um impulso para trabalhar” (MACHADO, 2012, p.178), mas alimentava (como oferendas) uma cosmovisão social integrada e compartilhada. Havia uma sincronicidade histórica que os ritos de sepultamento revelam e nos convidam a celebrar a vida.

**Política e Economia nos tempos de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio: uma análise das relações entre Roma e Egito na segunda metade do século I a.C.**

*Renan Furtado de Luna (UFRJ)*

A política e a economia entre Roma e Egito foram dois aspectos de grande importância no âmbito de suas relações ao longo dos séculos III ao I a.C., principalmente pelo caráter de gradual mudança presente nas mesmas. De início, tais relações possuíam um caráter harmonioso e estável, mas foram se tornando cada vez mais instáveis a medida em que os romanos passavam a interferir cada vez mais nos assuntos internos de Alexandria, capital do Egito. Desse modo, o que se notou foi um aumento das tensões nas relações que regiam a política e a economia entre os dois principais territórios do Mediterrâneo, com uma relativa intensificação das crises envolvendo ambos ao longo do século I a.C. Desse modo, esta comunicação objetiva tratar das crescentes instabilidades entre os territórios, destacando-se o ponto máximo da crise entre ambos, que foi a guerra promovida por Otávio contra Cleópatra e Marco Antônio, e que resultou na vitória de Roma sobre o Egito e a redução deste a uma província romana. A presente comunicação busca concretizar uma comparação entre as situações políticas e econômicas de Roma e do Egito antes e depois do conflito direto entre os dois territórios, trabalhando com a maneira como o Egito perdeu sua autonomia e com o modo em que Roma foi capaz de se consolidar no Mediterrâneo. Para a realização de tal pesquisa e apresentação, foi utilizada uma metodologia que visa a análise de fontes, pensada a partir das ideias de Antônio Cândido, que estabelece três pilares fundamentais ao se analisar uma fonte: o contexto do autor da fonte, o contexto que a fonte está retratando e o contexto de seus leitores.

**MESA COORDENADA 03 – SALÃO NOBRE (16:00 às 17:30)**

**TEMA: Escritas da ausência**

**Coordenadora: Ana Thereza Basilio Vieira (UFRJ)**

**As ausências na composição da "História Natural", de Plínio, o velho**

*Ana Thereza Basilio Vieira (UFRJ)*

Ao compor a "História Natural", Plínio o velho aponta, no prefácio que antecede a obra e direcionado ao Imperador Tito, suas estratégias de composição: ler, anotar e selecionar o maior número de fatos acerca do que a natureza pode nos proporcionar. Apesar de enveredar por um gênero já conhecido, o autor assevera que muito foi esquecido ou omitido. As ausências são múltiplas: desde autores abandonados e esquecidos ao longo dos tempos até fatos nunca revelados ou matérias pouco aprofundadas. Muitos estudiosos consideram Plínio como um mero catalogador de assuntos mais do que um verdadeiro estudioso da vida e dos costumes e usos do passado. Murphy (2004) aponta a História Natural como “um filtro através do qual novas informações passaram a fazer parte da propriedade intelectual coletiva do Império romano”. Abordaremos algumas dessas formas de ausências apontadas por Plínio em sua obra, como uma forma de construir uma tradição literária alternativa de exemplos, mas ao mesmo tempo complementar à tradição antiquária até então expressa em língua grega e latina.

**"Cum subit illius tristissima noctis imago": considerações acerca do tempo de ausência nos "Tristia" de Ovídio**

*Douglas Gonçalves de Souza (UNEAL)*

O verso que intitula esta comunicação, livremente traduzido por “quando me vem à mente a cena tristíssima daquela noite”, inicia o poema (I, 3) em que o eu-elegíaco ovidiano, lamentoso e saudoso por estar em desterro, relembra o seu momento de partida de Roma, em tom um tanto quanto épico, como salientado no próprio poema e bem destacado por Prata (2007). Ao longo de toda a coletânea dos Tristia, o eu-poético rememorar um tempo passado de presença (convivência), em face a um tempo presente de ausência (solidão). Essa ausência, que também pode ser discutida como um tópos na poesia ovidiana (Avellar, 2019), atinge, sobretudo, o fazer literário do poeta, que se queixa da sua falta de engenho. Nesse sentido, nesta comunicação, pretende-se tecer breves considerações acerca de passagens selecionadas da coletânea elegíaca citada, de modo a evidenciar, por uma perspectiva intertextual e metapoética, como a condição de desterro afeta semanticamente a poesia elegíaca de Ovídio.

**A escrita epigráfica funerária como marca da ausência**

*Danilo Oliveira Nascimento Julião (UFRJ)*

A morte representa a ausência física, causando uma lacuna naqueles que permaneceram sobre a terra. A escrita, então, se torna uma forma de amenizar essa lacuna deixada pelos falecidos, como forma de lutar contra seu esquecimento. E a escrita epigráfica, em particular, além das funções comunicativas, como a memorial e a propagandística, também propagam a lembrança de feitos, momentos históricos e vultos ilustres. A codificação em língua latina nos remete à Antiguidade, ao Período Medieval ou Renascentista, mas ainda pode ser usada em menor quantidade e intensidade em séculos mais recentes em grandes centros urbanos, antigas capitais de Impérios ou pontos fulcrais de trocas comerciais. Alguns exemplos desse tipo de escrita podem ser percebidos na cidade do Rio de Janeiro e nossa comunicação pretende refletir, especificamente, sobre as características dessa tipologia funerária em latim, tomando como base alguns pressupostos teóricos, como Limentani (1991), Padberg-Drenkpol (1937), Susini (1982) e Woolf (2000).

**Escrita para os ausentes: análise da epístola 43, de Agostinho de Hipona**

*Thais Montenegro do Patrocínio (UFRJ)*

As cartas de Agostinho de Hipona são cruciais na construção da identidade cristã, atuando como diálogos com os ausentes que compartilham experiências do tempo. A epístola 43 narra o surgimento do movimento donatista e questiona os julgamentos contra seus seguidores. A Igreja, no século IV, possui diversos movimentos de origem comum, tendo como ideias geradoras as perseguições aos cristãos, em tempo pretérito, a definição dos pecados em relação à Igreja, sendo considerada a apostasia um dos mais graves. Na carta apresentada, Agostinho relata o surgimento do Donatismo e condena, tanto esse movimento quanto seu inspirador, o bispo Donato. Este documento não apenas relata fatos, mas incita paixões e memórias na comunidade, especialmente daqueles que pereceram durante as perseguições do imperador Diocleciano. Propomos analisar como Agostinho moldou a percepção cristã e reforçou a unidade comunitária, utilizando a epistolografia para preservar a memória e influenciar contemporâneos. Nossa metodologia se centra nas abordagens de Le Goff (1990), Martin & Gaillard (2013) e Amaya (2015) a fim de apontar alguns caracteres historiográficos e históricos e destacar a eficácia persuasiva das cartas de Agostinho.

**MESA COORDENADA 04 – Sala 227 (16:00 às 17:30)**

**TEMA: Mulheres Imaginadas: construções do feminino através das tradições greco-romanas**

**Coordenadora: Luisa Amado Monteiro (UFRJ)**

**A perversão do útero: o discurso médico sobre a histeria e a mulher histérica em Gynaikeia (séc. II d.C.) de Sorano de Éfeso e La donna delinquente: la prostituta e la donna normale (séc. XIX) de Cesare Lombroso**

*Luisa Amado Monteiro (UFRJ)*

“A doença pertence à história, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma ideia, um certo abstrato numa ‘complexa realidade empírica’, e porque as doenças são mortais” afirmou Jacques Le Goff (1991) ao caracterizar a História das Doenças como uma “história dramática”, que combinaria desde espantosos relatos sobre enfermidades à múltiplas crenças e saberes em torno de corpos sofredores. De acordo com a perspectiva defendida por Le Goff, a doença não seria objeto apenas de uma visão dedicada aos progressos científicos e tecnológicos, como também à história dos saberes e práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades. À luz da concepção de Jacques Le Goff, consideramos indispensável o estabelecimento de um diálogo mais estreito entre a História das Doenças e os Estudos de Gênero, sobretudo no que se refere a análise dos discursos acerca da histeria – doença que, historicamente, foi construída como uma patologia não apenas intrínseca, mas também definidora do corpo e da natureza feminina. Desse modo, a presente comunicação tem como objetivo apresentar um breve exercício comparativo entre dois discursos médicos distintos acerca da histeria e da mulher histérica, o primeiro diz respeito ao saber preconizado no tratado Gynaikeia (séc. II d.C.) e o segundo concerne ao discurso presente na obra La donna delinquente: la prostituta e la donna normale (séc. XIX).

**Safo de Lesbos: a mulher imaginada da Grécia Arcaica (VII-VI a.C.)**

*Larissa Fernandes Nogueira (UFRJ)*

Safo de Lesbos foi uma notória poeta da ilha de Lesbos, nascida em torno de 630 a.C., no período arcaico grego. Ela foi extremamente reconhecida na posterioridade, sendo considerada a sétima musa por conta de seu dom poético. Entretanto, mesmo que ela seja importante no mundo helenístico, há poucos dados biográficos sobre a poetisa e, por isso, cada contexto histórico e social criou para si uma imagem de Safo devido a ausência de informações sobre sua vida (RAGUSA, 2011, p. 25). Em alguns contextos, ela é a primeira lésbica, que cantou sobre mulheres e apaixonou-se por elas; em outros, foi enamorada por um homem, com quem se casou e teve uma filha; em algumas tradições, foi a professora de uma escola feminina em sua ilha; ou viveu como uma sacerdotisa de Afrodite. Existem várias versões sobre quem seria essa figura e, por conta disso, desejamos expor nessa

comunicação que Safo era uma das mulheres imaginadas da Grécia Arcaica, pois, graças à escassez de documentação, cada período formou uma visão sobre a poeta, sendo que até hoje essas concepções sobre Safo circulam no imaginário social e influenciam na compreensão sobre a poetisa.

**“Visibilizando o invisível”: a construção visual das Erínias no período clássico ateniense (V-IV A.C.)**

*Gabrielle Fabrício e Silva (UFF)*

A análise sobre as Erínias e suas origens mais antigas no imaginário grego evidenciam, para além da influência dessas figuras na sociedade da época, como os discursos em torno dessas deidades eram parte integrante das estruturas de gênero, buscando preservar a ordem social na Atenas Clássica (séc. V- IV a.C.). Nas representações pictóricas encontradas em vasos cerâmicos, sua presença pode evocar uma personificação que denota a incidência ou a iminência de retaliação. Sob um viés específico, tais figuras sugerem que há uma realidade ou uma possibilidade concreta de vingança materna, onde o imaginário destaca a capacidade da Erínia de perseguir sua vítima até a loucura ou à morte. As Erínias desempenham um papel ativo e instrumental para assegurar a execução dessa retaliação, buscando evidenciar maior cuidado com as mulheres, principalmente, acerca das esposas. Assim, considerando as documentações literárias e imagéticas do Período Clássico, nossa comunicação tem como objetivo principal analisar a construção visual das Erínias durante esse período em Atenas. Busca-se identificar os procedimentos utilizados por Ésquilo e pelos ceramistas na tentativa de personificar a temida vingança materna, além de representar criaturas horríficas sem um rosto definido, com o intuito de evocar um profundo temor em relação à represália materna.

**As representações da imperatriz romana Élia Eudóxia (395-404) nas Histórias Eclesiásticas do século V: a atuação imperial feminina na Antiguidade Tardia**

*Amanda de Carvalho Santos Lima (UFRJ)*

Nos séculos IV e V, a imperatriz-consorte romana do Oriente, Élia Eudóxia (377-404) governou a porção oriental do Império, ao lado do imperador Arcádio (377-408), adquirindo grande relevância nos assuntos político-religiosos da Capital, atuando em favor da propagação do cristianismo niceno e combatendo o arianismo e religiões tradicionais, ainda populares no império oriental. Para tanto, a imperatriz exerceu a autoridade publicamente em diversos momentos, liderando procissões noturnas pela cidade e intervindo em conflitos entre bispos. A presente pesquisa, portanto, tem como objeto as representações da Imperatriz Élia Eudóxia (377-404) a partir das análises das obras História Eclesiástica, de Sócrates Escolástico, História Eclesiástica, de Sozomeno de Betélia, História Eclesiástica, de Filostórgio da Capadócia e História Eclesiástica, de Teodoreto de Ciro. Tendo em

vista que o papel histórico da imperatriz, conforme ressalta a pesquisadora Wendy Mayer, popularizou-se de forma negativa apesar do contexto favorável à consolidação do poder da Igreja e à consequente legitimação do poder imperial, buscamos analisar tais narrativas, elaboradas por homens do século V, de modo a identificar a influência da categoria de gênero em sua produção e, então, revisitar e reinterpretar seu papel histórico nos âmbitos político, social e cultural do Império Romano.

**MESA COORDENADA 05 – SALÃO NOBRE (18:00-20:00)**

**TEMA: Disputas pela Antiguidade Egípcia: Recepção e Usos Políticos do Passado**

**Coordenadora: Naiara Müssnich Rotta Gomes de Assunção (UFRJ)**

**A recepção da antiguidade egípcia no filme “Gharam fi el-Karnal” (1967)**

*Naiara Müssnich Rotta Gomes de Assunção (UFRJ)*

O presente trabalho analisa a recepção da antiguidade egípcia no filme “Gharam fi el-Karnak” (Amor em Karnak) escrito e dirigido por Ali Reda e lançado em 1967. Sendo um clássico do cinema egípcio, este musical estrela bailarinos e coreógrafos da Trupe Reda, uma companhia de danças folclóricas egípcias fundada em 1959 e estatizada sob o governo de Gamal Abdel Nasser em 1961. A trama do filme gira em torno do romance entre o coreógrafo Salah (interpretado por Mahmoud Reda, irmão de Ali e cofundador do grupo) e a dançarina Amina (interpretadas por Farida Fahmy, bailarina principal da Trupe Reda, esposa de Ali Reda e cunhada de Mahmoud Reda, seu par romântico no filme). A história serve como pano de fundo para as performances dos dançarinos e dançarinas da Trupe Reda que mesclam movimentos de ginástica, balé e de danças populares egípcias. As coreografias da trupe de dança folclórica inserem-se em um cenário histórico mais amplo, de consolidação do Egito enquanto um Estado nacional independente e da formação de uma identidade nacional que incluísse os diferentes grupos regionais representados a partir da dança. Assim, o filme exalta as belezas naturais, culturais e turísticas do país a partir da valorização de tradições regionais por uma perspectiva das classes médias urbanas, buscando conciliar o ideal nacional “baladi” (manifestações consideradas “autenticamente egípcias”) e o passado faraônico. Neste momento, estão em disputa discursos e apropriações políticas tanto deste passado antigo, visto como glorioso, monumental, símbolo de poder e civilização, mas também como de paganismo, despotismo e tirania. O presente trabalho, ao analisar as coreografias encenadas no filme assim como as cenas que remetem à antiguidade egípcia, insere-se no campo de estudos políticos do passado a fim de entender como a antiguidade egípcia é mobilizada em produções atreladas à ideologia nacionalista egípcia da Era Nasser.

**A recepção do Antigo Egito e o colecionismo: um estudo de caso da Coleção egípcia de Eva Klabin**

*Mariana Pinheiro da Costa Chaves (UFF)*

Este trabalho se debruça sobre a recepção do Antigo Egito no contexto dos colecionadores no Brasil no século XIX e XX, com destaque para Eva Klabin. Para tal, busca entender como e quais foram construídas as imagens em torno dessa civilização no Ocidente, recorrendo a Charles Martindale e seu conceito de “cadeia de recepção”, que entende que as interpretações que fazemos das fontes antigas estão inseridas em complexas trajetórias carregadas de significados construídos ao longo do tempo. Embora o interesse no Antigo Egito remonte desde da própria Antiguidade, é na modernidade que vemos um aumento desse fenômeno, em parte pela instituição da egiptologia como ciência, que tornou mais conhecida a civilização egípcia. As consequentes escavações organizadas por países estrangeiros e o contrabando de suas peças tornou viável a criação e expansão das coleções de antiguidades ao redor do mundo, movidas por um desejo de aproximar-se desse passado faraônico pela materialidade de sua cultura. A partir disso, entende-se que as recepções vindas da tradição judaica e cristã, da literatura greco-romana e da egiptologia foram essenciais no Ocidente para criar uma imagem de riqueza, sabedoria, magia e lugar primordial, levando ao desejo de aproximar-se desses atributos pela posse e pela criação de coleções. A coleção egípcia de Eva Klabin Rapaport servirá como um estudo de caso para articular os temas de colecionismo e recepção da antiguidade egípcia.

**Léopold Sédar Senghor e a mestiçagem: usos políticos do passado mediterrânico a partir da revista *Éthiopiennes* (1977)**

*Maria Eduarda dos Santos Fortunato (UFRJ)*

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as bases teóricas do pensamento político do intelectual senegalês Léopold Sédar Senghor (1906-2001) a partir de usos do passado mediterrânico, contextualizando seus escritos no cenário político do continente africano na década de 1970. Senghor foi um intelectual de grande expressão no Senegal independente, assumindo a posição de presidente do país entre os anos de 1960 e 1980. Além de ter sido protagonista de uma carreira política expressiva, Senghor foi um dos intelectuais idealizadores do movimento da Négritude e colaborador da renomada revista franco-senegalesa *Présence Africaine*. No entanto, ao longo de sua vasta produção teórica, o pensamento do autor senegalês passa por transformações significativas, e é nesta clivagem que a presente pesquisa se debruça. A partir do texto “Os negros na Antiguidade Mediterrânea”, publicado pela primeira vez em 1977 na revista cultural *Éthiopiennes* — periódico que ele mesmo funda e organiza — buscar-se-à analisar os caminhos que Léopold Senghor transita para

reivindicar um passado mediterrâneo mestiço, dando centralidade à contribuição das expressões africanas no intercâmbio cultural do mundo mediterrânico antigo. A principal hipótese que aqui pretende-se afirmar é que o conceito de mestiçagem mobilizado por Senghor neste momento serve principalmente como base legitimadora para seu projeto político de reorganização de vínculos com a França, que durante as décadas de dominação colonial era a metrópole de Senegal. Nesta nova perspectiva teórica, Senghor busca na Antiguidade os referenciais para reafirmar uma integração entre europeus, africanos e asiáticos desde tempos longínquos, justificando seu projeto político de formação de uma confederação entre França e os países africanos de dominação francesa que àquele contexto se tornaram independentes. É neste contexto de transição de concepções teóricas e novas formulações de projetos políticos para Senegal independente que a pesquisa está circunscrita.

**Apontamentos gerais sobre a inscrição “rosto” em Medu Neter e seus desdobramentos para pensar Kemet e sua Antiguidade**

*Maria Helena Mattos da Silva (UFF)*

O ensaio pretende mobilizar uma fonte do sistema de escrita Medu Neter, mais conhecido como “hieróglifo”, como um dispositivo crítico para desdobrar algumas reflexões relacionadas à recepção da antiguidade de Kemet (vulgo “Antigo Egito”). Trata-se de uma inscrição mais comumente associada ao Império Médio (2040-1782 AEC). A escolha da fonte parte primeiramente do princípio de que o fenótipo é um elemento importante nas discussões sobre Kemet (vulgo “Egito Antigo”), desempenhando um papel na maneira como essa Antiguidade é recepcionada. A relevância desse componente pode ser percebida desde produções fílmicas hollywoodianas, que contribuem para a construção e perpetuação de um imaginário sobre como seria a aparência física dos antigos habitantes de Kemet, reconstruções de figuras históricas de destaque na respectiva Antiguidade e mais recentemente a produção de séries para serviços de streaming, como a Netflix. Tendo em vista esse entendimento, pretende-se trabalhar com fonte escolhida, utilizada para descrever o “rosto”, de maneira a articular não apenas a sua dimensão fenotípica da autorrepresentação, mas também apresentar outras discussões de fundo que se relacionam com a questão do povoamento, as teorias policêntrica e monocêntrica entre outros debates derivados dessa mobilização.

**SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 02 – SALA 227 (18:00-20:00)**

**Coordenador: Mateus Mello Araujo da Silva (UFF)**

**Tempo e contatos na Crônica de Lindo**

*Mateus Mello Araujo da Silva (UFF)*

Gravada em 99 a.C., a inscrição da Crônica de Lindo fez parte de um esforço para registrar a história do mais importante templo de Atena em Rodes após um incêndio danificar o local e as suas posses. O projeto de preservação da memória do templo e da comunidade estreitamente associada a ele começa com o registro epigráfico de parte dos objetos destruídos, as dedicações feitas à Atena em Lindo por importantes figuras míticas e históricas dos mundos grego e não-grego. Segue-se na inscrição o registro das epifanias da deusa, momentos de crise nos quais sua intervenção protegeu a comunidade. De uma forma complexa, a Crônica de Lindo estabelece uma história do templo e da ilha de Rodes, sobrepondo gerações e entrelaçando regiões do Mediterrâneo entorno do culto à deusa. A comunicação abordará a forma como esses registros foram feitos, as fontes utilizadas para a reconstrução dessa história, além dos períodos valorizados e dos personagens mobilizados. Com isso, pretende-se compreender como os habitantes de Rodes no final do período helenístico compreendiam e organizavam o seu passado.

**Contribuições teóricas da arqueologia funerária e da arqueologia de gênero para o estudo da Silla Antiga (57 AEC – 654 EC)**

*Luiza Santos Freire de Souza (UFRJ)*

Em muitas sociedades antigas, a escrita não ocupava um papel central na vida dos indivíduos. Em outras, ela poderia até ocupar esse espaço, mas não chegou até nós. Dessa maneira, tomar uma perspectiva que coloque a importância de documentos escritos como central para o estudo histórico, pode trazer dificuldades e até mesmo impossibilitar que essas sociedades sejam investigadas. Ao mobilizar a cultura material como um documento válido e não dependente nem auxiliar da escrita, abre-se um caminho de inúmeras possibilidades. Uma especialmente fecunda é o conceito de gênero atrelado a materialidade, que, contudo, é ainda pouco mobilizado como uma ferramenta de análise e, mais raramente ainda, é um tema central em pesquisas sobre a Silla, sociedade localizada na península coreana, do período Antigo (57 AEC – 654 EC). Assim, nesse contexto em que os únicos documentos escritos que chegaram até nós (o Samguk Sagi [1145], de Kim Pusik [1075-1151] e o Samguk Yusa [1282-1289] de Iryeon [1206-1289]) foram produzidos mais de mil anos após os eventos mais antigos que apresentam, a cultura material se mostra como um importante caminho para se analisar o passado a partir de uma perspectiva de gênero. Os achados arqueológicos do período antigo, contudo, são em

sua maioria tumbas e mobiliário funerário. Nesse sentido, faz-se essencial analisar esse material à luz da arqueologia funerária. Assim, a comunicação tem por objetivo explorar as contribuições teóricas e conceituais do campo da arqueologia funerária e da arqueologia de gênero para investigar o período antigo de Silla.

### **Relações Humanas e Equinas no Mundo Celta Insular**

*Ana Bustamante Ayala (UFRJ)*

Durante a Idade do Ferro, diferentes sociedades autóctones ocuparam a região da Grã-Bretanha, sendo hoje, comumente, conhecidas como “celtas” ou ainda, de maneira mais específica, como “bretões”. No âmbito das discussões historiográficas relativas à Antiguidade, o estudo desses grupos frequentemente assume um papel periférico e, por vezes, subordinado à tradição Clássica do Mediterrâneo. Como os bretões antigos eram ágrafos, muitos dos textos produzidos no período sobre essas populações reforçam a perspectiva de povos bárbaros. Contudo, a cultura material dessas sociedades emerge como um veículo de informações, tradições, crenças e formas de agenciamento. Sua análise oferece um olhar interno que parte das próprias sociedades que produziram tais materiais, em oposição a um estudo centrado apenas na tradição greco-romana. O presente estudo apresenta uma contextualização da documentação material de ordem numismática celta, destacando iconografias que apresentam cavalos, utilizando o sequenciamento tipológico formulado por Rudd (2010) e De Jersey (1996) aliado aos cuidados metodológicos expostos por Kemmers e Myrberg (2011) para o uso da numismática como fonte histórica. A diversidade de produção e motivos equestres apontam para um sistema monetário bretão profundamente enraizado em uma identidade cultural em constante mudança e relevância local. A cunhagem atuou como um testemunho histórico e iconográfico das interações entre os bretões e cavalos.

### **Distribuição alimentar e armazenamento no Período Neolítico: o exemplo de Çatalhöyük**

*Pedro Vieira Martins (UERJ)*

Este trabalho visa apresentar os dados relativos à distribuição e ao armazenamento de alimentos no sítio neolítico de Çatalhöyük. Çatalhöyük é um sítio localizado na planície do Konya, na atual Turquia, e foi ocupado de 7.400 a.C. a 6.000 a.C. Foram utilizados os relatórios das temporadas de escavação de 1993 a 2017, juntamente com as obras publicadas por James Mellaart (primeiro arqueólogo responsável por estudar o sítio na década de 1960), e Ian Hodder (que deu continuidade ao seu trabalho mais recentemente). Atualmente esta pesquisa se direciona principalmente para os dados arqueobotânicos. O trabalho conta com dados sobre amostras de plantas e suas espécies (sendo em sua maioria espécies domesticadas como o trigo, alguns tubérculos e leguminosas), e como essas amostras foram recolhidas e processadas pela equipe de Hodder. O trabalho também contém os dados relativos às amostragens recolhidas por Mellart e as análises dessas amostras feitas em 1995.

### **O Templo de Ísis: de Pompéia ao Museu Nacional/UFRJ**

*Ana Clara Hildebrandt Marques de Souza Costa (UFRJ)*

O Templo de Ísis em Pompéia (II AEC) foi uma das primeiras descobertas arqueológicas da cidade romana reencontrada no século XVIII. Sua riqueza material foi tão grande, que suas peças passaram por salões e tutelas reais, como a de Fernando II, Rei das Duas Sicílias, e foram presenteadas à Imperatriz Tereza Cristina, casada por procuração com D. Pedro II em 1843, antes mesmo de desembarcar no Brasil. Essas peças, no entanto, atravessam o Atlântico com a Imperatriz, como parte de sua coleção pessoal, que viriam a se tornar meio século depois, parte do acervo do Museu Nacional/UFRJ. A presença do Templo e de um Culto formal à Ísis em uma cidade provincial romana de alta importância na rota comercial, sugere que a Divindade Egípcia possuiu naquela localidade, algum papel de protagonismo. Dessa forma, a sua recepção levantou questionamentos: Quem era a Deusa Ísis no Mundo Egípcio? E quem se tornou essa mesma divindade, em um mundo romanizado? Dos ritos funerários às festividades do *Navigium Isidis*, a trajetória histórica de seu mito reforça a narrativa de interculturalidade presente no Mediterrâneo Antigo. O Culto à Ísis e seu Templo serão analisados sob o prisma de obras de seu tempo: a obra de Apuleio, *Metamorfoses*, Livro X (séc. I EC) e a obra de Plutarco, *De Ísis a Osíris* (séc. I EC), em conjunto à análise iconográfica dos painéis presentes no Templo de Ísis, os Afrescos de Pompéia, da Coleção Imperatriz Tereza Cristina, hoje pertencentes ao Museu Nacional/UFRJ. O estudo foi idealizado a partir de uma pesquisa e apresentação inicialmente desenvolvida para a turma, como parte das atividades do programa de monitoria na disciplina de História Antiga II, com início em 2024, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Regina Bustamante.

## TERÇA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO DE 2024

CONFERÊNCIAS DE ABERTURA – SALÃO NOBRE (10:00-12:00)

### CONFERÊNCIA 1

#### **Aquiles e Odisseu: tempo, vida e experiência**

*Prof. Dr. Alexandre Santos de Moraes (UFF)*

Os heroísmos de Aquiles e Odisseu, quando postos em perspectiva, levam ao reconhecimento de inúmeras diferenças. As formas de agir e pensar de cada personagem, porém, não são necessariamente a expressão de dois paradigmas heroicos conflitantes e/ou coexistentes: elas podem ser explicadas pelas posições sociais que Aquiles e Odisseu ocupavam no marco do curso de vida. Assim, nossa conferência propõe discutir essa dupla dinâmica do heroísmo em Homero a partir do tempo de vida dos protagonistas da *Ilíada* e da *Odisseia*.

### CONFERÊNCIA 2

#### **La aventura de crecer. Dejar de ser niño para ganar el poder adulto. Una lectura antropológica de la Telemaquia**

*Prof. Dra. María Cecilia Colombani (UM e UNMdP)*

El proyecto del presente trabajo consiste en pensar las transformaciones subjetivas que se operan en Telémaco en el canto I de *Odisea*. El trabajo se moverá en una dimensión claramente antropológica tratando de relevar cómo se van modificando las marcas subjetivas del joven-niño a partir de la intervención de la diosa Atenea.

Nos proponemos acompañar las transformaciones que se operan en Telémaco, a partir del dolor y la nostalgia por la ausencia de un Padre, de quien no se tiene noticias, hasta la decidida actitud del joven adulto que lentamente se hace cargo de una situación difícil y compleja; actitud impensable en los primeros versos pero que, de la mano de Atenea, la diosa-forastero, se encamina hacia un *topos* inédito. Hay un proyecto nítido de Atenea, lograr que Telémaco crezca en poder y en saber; crezca por sus decisiones y crezcan sus gestos adultos. La presencia de Mentos inaugura un primer puente tendido hacia el otro, despertando el rol de anfitrión en el joven Telémaco, jugando su rol adulto y mesurado y dando muestras de conocer la lección de civilidad. El dolor del hijo por el desconocimiento del destino del padre es el elemento que pone en marcha las transformaciones subjetivas del joven, anudando dolor, desconocimiento y crecimiento. El deseo de saber impele a la acción y al abandono del gesto infantil. Sin deseo no hay acción y Telémaco se encamina a la gesta del reconocimiento, propio y del de su padre. No sin dolor. No sin el crecimiento que ello implica como actitud existencial. Telémaco marcha hacia el gesto de resistencia, actuando en distintos frentes

y enfatizando la responsabilidad que le cabe en la empresa de convertirse en un hombre. Telémaco inicia un viaje, un *nostos*, un retorno a sus raíces, que es, al mismo tiempo, un pasaje de iniciación; la búsqueda del padre ausente es su propia búsqueda identitaria; el retorno a sus orígenes es el viaje hacia una subjetividad que lo convierte en adulto, dejando atrás al niño que Ulises dejara cuando partió. Telémaco se convierte en el hombre de la palabra firme, que evoca el *logos* del padre de familia corroborando nuestra hipótesis de trabajo: el desplazamiento de Telémaco de niño a joven adulto, capaz de llevar a cabo una empresa de envergadura, emparentada con la adquisición del poder y del saber.

## CONFERÊNCIA – SALÃO NOBRE (14:30-15:30)

### CONFERÊNCIA 3

#### **O que sabemos sobre a infância entre fenícios e púnicos na Antiguidade Mediterrânea?**

*Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari (USP)*

Quando pensamos nos fenícios da costa do Levante e nos fenícios que se espalharam pelo Mediterrâneo ocidental, que, seguindo os romanos, denominamos púnicos, nos deparamos com muitas dificuldades de interpretação. De um lado, possuímos poucos documentos escritos, por outro lado a documentação material, apesar de riquíssima, é fragmentada em áreas de interesse que acompanham a própria história do fazer arqueológico em nossa modernidade, e as vicissitudes históricas desse fazer. Temas mais recentes, como o papel da mulher, da criança, ainda são incipientes. Ainda assim, o tema proposto nesta fala, o de pensarmos a ideia de infância entre esses povos, pode e deve ser abordado. Nos propomos trazer algumas considerações acerca dele a partir do recorte do tofet, um santuário a céu aberto, onde são encontradas milhares de urnas cinerárias com os restos mortais de crianças. Necrópole? Área de sacrifício infantil? A discussão sobre o tofet é centenária e iremos apresentá-la com a intenção de discutir os significados de sua interpretação no que tange os possíveis desdobramentos em relação à posição social da criança no mundo fenício-púnico.

**MESA COORDENADA 06 - SALÃO NOBRE (16:00 às 17:30)**

**TEMA: Experiências femininas na Antiguidade Clássica: da infância à vida adulta**

**Coordenadora: Bárbara Alexandre Aniceto (UNESP/FRANCA)**

**Entre a vida e a morte: a experiência feminina da maternidade como remédio e como sacrifício na Grécia Clássica**

*Bárbara Alexandre Aniceto (UNESP/FRANCA)*

Da infância à vida adulta, as experiências das mulheres gregas estavam balizadas pela expectativa da maternidade. Como Aristófanes nos conta, a partir da mais tenra idade, as meninas gregas, sobretudo as abastadas, participavam de rituais públicos cujo propósito consistia em garantir a fertilidade da terra e delas próprias, as quais eram seriam responsáveis por gerar filhos legítimos à cidade. A gestação estaria ligada, dessa forma, à manutenção da comunidade cívica e, no caso de Atenas, à perpetuação do modelo democrático tal qual pensado e praticado pelos atenienses. Em função da centralidade política da maternidade, notamos não apenas uma grande preocupação do comediógrafo, como também dos médicos hipocráticos com a saúde reprodutiva da mulher; da totalidade dos tratados médicos que compõe o chamado Corpus Hippocraticum, dez se debruçam sobre as compleições femininas. Enquanto Aristófanes representa a concepção como uma forma de contribuir para a manutenção das engrenagens cidadinas, Hipócrates e seus discípulos acreditavam que a gravidez poderia remediar e/ou curar uma série de doenças ginecológicas. Assim, ambos os autores retratam a positividade da maternidade tanto para as mulheres casadas quanto para as cidades gregas. Baseados nas evidências documentais de ambos, pretendemos contrastar suas considerações com as altas taxas de mortalidade materna, demonstrando o limiar feminino, simbólico e concreto, entre a vida e a morte no período grego clássico.

**Deusas, saúde e mulheres: a representação do feminino no culto de Asclépio e Higeia em Atenas no final do Período Clássico**

*João Vinícius Feitosa (UFPE)*

A análise seriada dos relevos votivos provenientes do culto de cura/saúde de Asclépio e Higeia permite perceber aspectos únicos do cotidiano grego entre fins do século V e século IV a.C. Chama a atenção que, nesses relevos, as figuras femininas, somadas deusas e mortais, foram representadas em maior número do que as masculinas. Surpreende ainda a quantidade de crianças presentes nas cenas, prevalecendo também uma maior quantidade de meninas do que de meninos. Além disso, em alguns casos, a incomum troca ativa de olhar entre divindades e mortais só ocorre entre Higeia, a deusa da saúde, e as meninas, criando um forte vínculo entre ambas. Isso suscita algumas conjecturas instigantes, tais como: a de que o culto de Asclépio e Higeia poderia direcionar uma atenção especial

ao público feminino e, em especial, às meninas, constituindo-se talvez, além de rituais de saúde, rituais de proteção, de fertilidade ou de passagem da infância para a idade adulta. Desse modo, a avaliação do vestígio material pode proporcionar uma visão mais plural e diversificada do período, bem como auxiliar o vislumbre de uma atuação feminina no espaço público.

### **Agência e poder de Domícia Longina através da cultura material**

*Milena Rosa Araújo Ogawa (UNIPAMPA)*

Domícia Longina (53-130d.C.) emerge como uma figura de destaque devido a suas conexões familiares, sendo descendente direta do primeiro Augusto e filha de um general. Tornou-se a única imperatriz da dinastia Flávia, era a esposa de Domiciano, imperador que governou de 81-96 d.C. Essas redes políticas e familiares desempenharam um papel fundamental em sua vida e em seus casamentos. Ela enfrentou uma acusação de adultério, foi exilada, mas posteriormente foi reintegrada à casa imperial. Domícia gerou um filho que foi deificado, era proprietária de uma olaria lucrativa próxima a Roma, sobreviveu ao assassinato de seu marido, e recebeu homenagens na dinastia seguinte. Esta apresentação analisará um conjunto de documentação material (moedas e epigrafias) que oferecem uma base sólida para a reflexão sobre os limites e influências políticas, econômicas e sociais que ela consolidou durante seu período.

### **Retratos da base familiar romana na comédia de Plauto: uma crítica às relações de gênero na República (séculos III-II A.E.C.)**

*Lais Felipe Lucon (UNESP/FRANCA)*

Esta apresentação se insere no contexto histórico dos séculos III e II A.E.C., arco temporal em que o comediógrafo Plauto (c. 255/250 – 184 A.E.C.) viveu. Compreendido na cena republicana, nosso poeta experienciou um momento de constantes mudanças em face às expansões romanas – marcadas por crescentes contatos na extensão dos novos horizontes. Como um homem de seu tempo, Plauto ecoou tons da sociedade de sua época em suas obras. Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre a peça O Mercador, observamos as personagens tecidas no corpus plautino correspondendo aos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens da República Romana. Dessa forma, propomos evidenciar como o discurso do teatrólogo reverbera a imagem de uma matrona romana condizente com as expectativas dispostas na concepção de *materfamilias*. Em contrapartida, a figura do *paterfamilias* aparece dissonante do que era esperado de sua posição. Assim sendo, percebemos o argumento cômico plautino como uma manifestação crítica e intentamos demonstrar como ele se apresenta questionando as relações de poder na ambiência político-familiar da República.

**MESA COORDENADA 07 - SALA 227 (16:00 às 17:30)**

**TEMA: Imagem e Poder no Mediterrâneo Antigo**

**Coordenador: Jose Roberto de Paiva (UERJ)**

**As elites exiladas e as experiências políticas na Atenas arcaica**

*Jose Roberto de Paiva (UERJ)*

Após o exílio na Trácia, Pisistrato retorna com um contingente trácio. Tal ação caracteriza a formação de uma guarda pessoal (*dorophoroi*) com uma influência oriental. Observamos a presença de grupos trácios (os *philaedae* e os *geripheus*) atuando no campo político e religioso de Atenas a partir da integração social das famílias promovido pela tirania, dentro de seu grupo social (*hetaireia*). No VI a. C. os conflitos armados impulsionaram a colonização ateniense e a formulação de uma rede comercial no Mediterrâneo oriental e promovendo uma nova atividade comercial ligada com a aquisição ou troca de produtos advindos da Trácia continental e regiões insulares. Os *philaedae* exerceram o arcontado e as atividades panathenaicas. Tanto os Pisistratidas quanto os *philaedae* argumentam ser descendentes de Neleus, herói homérico e desenvolveram um *kleos* ancestral, aspecto importante para exercer o poder em Atenas.

**Imperadores e reis: a construção de imagens de poder entre Augusto e Herodes nas narrativas de Suetônio e Josefo**

*Junio Cesar Rodrigues Lima (UERJ)*

Esta comunicação tem como foco a análise comparativa da construção da imagem do Imperador Augusto e do Rei Herodes, o Grande, a partir das narrativas de Suetônio e Flávio Josefo, evidenciando as similaridades na lógica discursiva empregada por ambos para legitimar suas respectivas intenções políticas. A análise busca a comparação das estratégias discursivas de Augusto e Herodes na legitimação de suas ações políticas, investigando como ambos se posicionaram como líderes que priorizavam os interesses coletivos em detrimento dos benefícios pessoais. Augusto, por exemplo, enfatizava que sua assunção ao principado não lhe trazia vantagens pessoais, mas sim resultava na diminuição de seu patrimônio, que era constantemente utilizado para a manutenção da ordem socioeconômica em Roma. Analogamente, Herodes promoveu sua ascensão ao trono como resultado do favorecimento do Deus de Israel, destacando seu compromisso com as tradições judaicas e a organização da vida pública, sempre priorizando os interesses do povo. Examinaremos o papel crucial da reconstrução do templo de Jerusalém na consolidação da ordem social e na legitimação política de Herodes. Segundo a dialética discursiva de Herodes, a reconstrução do templo era fundamental para a consolidação da ordem social e para a manutenção da relação política entre os judeus e a divindade.

**A “vanguarda” musical na cultura helênica no contexto da segunda metade do século V a.C.**

*Felipe Nascimento Araujo (UERJ)*

Analisando diversas vertentes historiográficas notamos que o termo/conceito da Música Nova não era utilizado de forma unânime ao longo do século XX, sendo instrumentalizado primeiramente por filólogos e historiadores alemães, cujo destaque foi Lukas Richter na década de 1960 com os artigos *Zum Stilwandel der griechischen Musik im 5./4. Jahrhundert* (1967) e *Die Neue Musik der griechischen Antike* (1968). Teil I: Die literarische Überlieferung (parte 1) e Teil II: Die Tondenkmler (parte 2). A partir da década de 1990, autores influentes da historiografia de língua inglesa como Martin L. West, Warren Anderson, Eric Csapo, entre outros, irão consolidar o termo “New Music” como modo de denominar as inovações técnicas, estilísticas e artísticas da música grega do quinto século. Desse modo, baseando-se nas (escassas) informações disponíveis acerca da vida e obra dos músicos Melanípides de Melos, Cinésias de Atenas, Frínis de Mitilene e Timóteo de Mileto, iremos propor uma discussão acerca deste contexto histórico específico. Em suma, nosso objetivo consiste em identificar um movimento de vanguarda artística por parte desses músicos, em oposição à ideia de que produziriam uma música completamente nova sem referências ao passado

**Ut Restituat Cartago!**

*Bernardo Belfort (UFRJ)*

A Cartago do “senso comum” é inúmeras vezes lembrada pela celebre frase comumente repetida pelo senador romano Marcio Pórcio Catão [234-149 a.e.c.], “Delenda Carthago!” [Destrua Cartago!], no contexto da guerra Romana-cartaginesa entre a República Romana e a cidade-Estado de Cartago, no norte da África. A expressão que num primeiro momento parecia mais uma forma de fazer política e criar um tipo de bordão para que Cartago não fosse esquecida como um perigo iminente, passou a sintetizar uma política de aniquilação e rejeição pelas normas legais dos tratados de paz, em nome de uma política expansionista de Roma e seu domínio no Mediterrâneo, que ao passar dos tempos materializou-se partindo de ideia para uma ação concreta de destruição não somente física como espiritual. Ao longo de algum tempo, Augusto propôs um projeto de reconstrução da cidade de Cartago com feições romanas sob os escombros cartagineses. Propomos uma discussão sobre o projeto construtivo de uma nova cidade, através do rompimento definitivo com a antiga Cartago e a elevação da então destruída cidade em capital da África proconsular. Vamos estabelecer um diálogo com a história, a antropologia e a arqueologia da paisagem, que se concentra na compreensão das sociedades humanas, de como elas se modificam, como usam e percebem o ambiente e seus significados simbólicos atribuídos ao novo processo de ocupação do Norte da África.

**O que sabemos sobre Phrinea de Thespis?**

*Maria Regina Candido (UERJ)*

A resposta à pergunta no leva a afirmar que ela era uma menina vinda de Beocia de nome Mnesarete que veio para Atenas e começou a participar do comércio sexual como hetaira, aquela jovem menina, hoje conhecida no mundo grego como Phryne, tornou-se celebre pelos encantos e beleza, símbolo da cobiça masculina e da cultura de elite de Atenas. O caso foi considerado uma combinação de fato e ficção, devido as acentuadas narrativas, por vezes contraditórias, realizadas pelos escritores antigos. Temos que reconhecer que Frineia detém um acentuado repertório composto de documentação material escrito, referencias de ter sido modelo para a estátua da Afrodite de Cnido e o fato de ter sido absolvida da acusação de asebeia em Atenas. A hetaira posou como modelo de Appeles e Praxiteles e que entre as descrições da estátua de Afrodite, há um grupo de epigramas coletados no Anthologia Grega que faz referência a sua extrema beleza.

**SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 03 - SALA 306 (16:00 às 17:30)**

**Coordenador: Alfredo Bronzato da Costa Cruz (GEHOC)**

**A paisagem sócio-religiosa egípcia na vida de Abba Samuel de Qalamûn**

*Alfredo Bronzato da Costa Cruz (GEHOC)*

Samuel de Qalamûn (597-695) foi um monge copta que ficou conhecido por ter sido torturado pelos bizantinos por se recusar a subscrever a cristologia calcedônica, por suas desventuras nas mãos dos nômades do deserto ocidental do Egito e pela renovação do mosteiro que acabou por receber seu nome. Ele é venerado como santo em todas as Igrejas da comunhão miafisita, e sua hagiografia, escrita por um de seus sucessores como abade entre o fim do século VIII e o início do século IX, parece ter sido um documento relativamente popular entre os cristãos coptas e etíopes para ajudar a explicar a conquista do Egito pelos árabes muçulmanos. Esta comunicação objetiva retomar este texto - assim como algumas de suas variantes -, considerando-o em seu contexto de produção, difusão, preservação e uso. Partindo disso, verifica-se qual a paisagem sociorreligiosa egípcia que ele apresenta, tomando-o menos como documento da vida propriamente de Abba Samuel do que como uma evidência de como esta foi recordada e transformada por seus correligionários.

**"E foram, pela primeira vez, chamados de cristãos" O cristianismo antioqueno e suas especificidades frente a diversidade cristã no I século**

*Rafael Silva dos Santos (UERJ)*

O cristianismo do I século se caracterizou pela crença fundamental dos seguidores de Jesus Cristo. Contudo, mesmo com uma base comum, vários elementos, sejam culturais ou linguísticos, serviram para modelar comunidades cristãs distintas. Não que existissem vários cristianismos independentes

do ponto de vista doutrinário mais amplo, mas era notório que certas diferenças pontuais existiam até o ponto de gerar certos estranhamentos. O cristianismo da cidade de Antioquia era uma dessas comunidades cristãs que irá se destacar por suas peculiaridades, e conforme o capítulo onze do livro de Atos dos Apóstolos, é ali que os seguidores de Jesus de Nazaré são pela primeira vez chamados de “cristãos”. Essa nomenclatura está atrelada não somente a uma identificação própria dos membros da comunidade, mas serve também como fator distintivo frente a outros grupos, como judeus por exemplo. Mas a questão fundamental é: por que em Antioquia os discípulos de Jesus receberam a nomenclatura de “cristãos” pela primeira vez? Ou então, por que Antioquia e não Jerusalém? O presente trabalho visa uma análise acerca na natureza desse cristianismo antioqueno e suas principais características, as quais lhe conferiram, pela primeira vez, carregar o nome de Cristo.

### **Aspectos e Perspectivas da Escravidão Romana Presentes nos Textos Paulinos**

*Diego Veloso Vieira (UNIMONTES)*

Dentro do Império Romano, a escravidão era um sistema complexo, marcado por leis e costumes. Chegou ao ponto de ser apontada não apenas como um arcabouço jurídico-social, mas também como uma instituição que estava ligada à moral e a ética. Entender que a escravidão fazia parte de todos os setores sociais, políticos e culturais no mundo romano se faz necessário. Este estudo considera como ponto de partida as Cartas Paulinas tidas como autênticas, ou seja, 1 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Romanos, Filipenses, Filêmon. Estas cartas, presentes no Novo Testamento, destacam-se pelo contato direto do autor com a temática da escravidão, o que nos leva à reflexão sobre o entendimento deste processo de exploração. O objetivo desta apresentação será entender como a escravidão na Antiga Roma é entendida pelo autor cristão Paulo de Tarso. De modo geral, serão exploradas questões como a construção da imagem da escravidão nas Cartas Paulinas e como essa vertente cristã que surgia se relacionava com a prática escravista no Império Romano. Apoio Financeiro: CNPq.

### **Gerenciamento de Riquezas e Bens na Comunidade de Qumran**

*Victor Lisboa da Fonseca Santos (UFRJ)*

Os Manuscritos do Mar Morto são um conjunto de documentos compostos por centenas de pergaminhos encontrados no Deserto da Judeia, às margens do Mar Morto, a partir de 1947. Esses textos, que incluem regras, comentários, cânticos, escritos bíblicos e apocalípticos, datam dos séculos II a.C. a I d.C. Por meio deles, é possível investigar diversos aspectos da vida de seus redatores, que se acredita serem membros do grupo judaico dos essênios, revelando uma comunidade religiosa localizada na mesma região em que os manuscritos foram encontrados, o platô de Qumran. Nesse sentido, os essênios da Comunidade de Qumran tinham um modo de vida peculiar, caracterizado pela

comunalidade de bens e riquezas. Aqueles que desejavam ingressar no grupo precisavam disponibilizar seus bens em prol da comunidade. Ao fim do processo de iniciação, esses bens eram incorporados ao grupo e administrados pela liderança da comunidade. Portanto, a presente comunicação tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre o processo de desapropriação e gerenciamento de bens na Comunidade de Qumran, localizada na região da Judeia, no período do Segundo Templo. Para tanto, lançaremos mão dos textos sectários dos Manuscritos do Mar Morto – A Regra da Comunidade (1QS) e o Documento de Damasco (CD) – que trazem referências sobre a organização da comunidade, bem como de perspectivas teóricas relacionadas ao monasticismo, haja vista a similaridade entre o *modus vivendi* dos essênios de Qumran e o monasticismo cristão.

## CONFERÊNCIAS – SALÃO NOBRE (18:00-20:00)

### **CONFERÊNCIA 4**

#### **A ideia de História no Antigo Oriente Próximo em perspectiva historiográfica**

*Prof. Dr. Alexandre Galvão Carvalho (UESB)*

A ideia de História no Antigo Oriente Próximo será analisada neste capítulo a partir de uma perspectiva historiográfica. Tomaremos como parâmetro três trabalhos, escritos entre a segunda metade século XX e a primeira década do século XXI, que abordam o tema de forma direta ou indireta, com o objetivo de compreender as influências historiográficas que nortearam a análise sobre a ideia de história do Antigo Oriente Próximo, além de comparar os trabalhos entre si. O primeiro trabalho é uma coletânea intitulada *The idea of History in the Ancient Near East*, organizada por Roland H. Bainton, publicado em 1955, fruto de um Simpósio, com título homônimo ao da coletânea, realizado na Universidade de Yale entre os anos de 1952-1953. O segundo trabalho é o livro de John van Seters, *In Search of History*, de 1983, cuja tradução e edição em português, de 2008, foi intitulada *Em busca da História: Historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica*. O livro foi motivado por um seminário com o tema “Histórias e Historiadores do Antigo Oriente Próximo” ocorrido em Toronto durante o ano acadêmico de 1974-1975. E, finalmente, o terceiro trabalho é o livro de Mario Liverani, *Antico Oriente: Storia, Società, Economia*, de 2009, traduzido para o português em 2016 com o título *Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia*. Neste sentido, partimos do pressuposto que para entender a ideia de História no Antigo Oriente Próximo é necessário apreender os referenciais teóricos e historiográficos de autores que se debruçaram sobre o tema em tela, posto que estes referenciais teóricos e historiográficos também têm um caráter histórico e influenciam sobre a forma como tema é investigado.

## **CONFERÊNCIA 5**

### **As considerações de Sólon sobre as fases da vida: uma interpretação à luz das ocasiões de performance de sua poesia**

*Prof. Dr. Rafael Guimarães Tavares da Silva (UECE)*

As fases da vida são concebidas de diferentes formas nas tradições poéticas da Grécia do período arcaico, aparecendo sob matizes que vão desde a ênfase numa visão negativa da existência humana em geral, passando por reflexões acerca das especificidades etárias, até considerações sobre o lado positivo da vida (principalmente das delícias juvenis). Assim, por exemplo, os versos atribuídos a Homero combinam amiúde uma visão negativa da velhice com um elogio da juventude guerreira. Por outro lado, é possível depreender dos versos atribuídos a Hesíodo uma organização das idades da vida com base nas possibilidades de trabalho e colaboração no interior de uma comunidade agricultora. Há ainda as tradições mélicas e elegíacas, que têm por contexto de performance preferencial o banquete [sympósion], no âmbito do qual se explora um arranjo binário das idades: por um lado, os homens mais velhos, já de barba, entendidos como responsáveis pelo papel de amante [erastês] no interior de uma relação pederástica; por outro lado, os mais jovens, ainda não dotados de barba, desempenhando no interior dessa relação erótica a função de amado [erômenos]. Outros arranjos são sugeridos por diversos autores e obras, mas, à luz desse panorama inicial, pretende-se avançar uma interpretação do entendimento específico de Sólon sobre a questão. Seu repertório poético apresenta variados arranjos de idade, além de diferentes concepções e valores acerca dos mesmos. Embora pudesse parecer, a princípio, existirem contradições no interior desse corpus, é importante que se considere o contexto de performance de cada um deles a fim de que uma interpretação historicamente fundamentada seja defendida, bem como uma compreensão mais arguta de seu posicionamento. Nosso objetivo será levar isso a cabo a partir de uma leitura dos seguintes fragmentos (com base na 2a ed. das edições críticas de Gentili-Prato e West): 18 G-P = 24 W; 26 G-P = 20 W; 16 G-P = 25 W; 23 G-P = 27 W.

## QUARTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 2024

### SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 04 - SALÃO NOBRE (10:00 às 12:00)

**Coordenadora: Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)**

**Medusa em Perspectivas: Fontes e olhares na História da Artes sobre as Representações da Górgona entre o passado e o presente**

*Isadora Laís Moreira Bachiega (UFMS)*

Este trabalho busca apresentar parte do material levantado para a pesquisa "Medusa em perspectivas - fontes e olhares na História da Arte sobre as representações da górgona entre o passado e o presente". Desta forma, faremos uma amostragem do que constitui nosso repertório inicial, com temporalidades diversas a partir do século XVI de nossa era, bem como apontaremos nosso recorte de interesse na pesquisa. Além disso, buscaremos apontar em linhas gerais, características comuns e possibilidades de leituras, olhando a figura da górgona a partir de duas ideias: o olhar da Medusa e o olhar para a Medusa, entendendo-a como uma figura emblemática, que permanece há séculos no simbólico imagético das pessoas.

**A recepção dos clássicos em Sandman: uma análise do uso de Virgílio e Ovídio em Sandman Special: The Song of Orpheus**

*Lucas Vieira (UNIRIO)*

A apresentação propõe-se analisar como a recepção dos clássicos (Hardwick, 2003), mais especificamente a recepção da *Metamorfoses* de Ovídio e da *Geórgicas* de Vergílio, do mito de Orfeu e Eurídice na revista em quadrinhos *Sandman Special: The Song of Orpheus*, roteirizada por Neil Gaiman e com arte de Bryan Talbot, Mark Buckingham, Daniel Vozzo e Todd Klein, foi realizada e como os leitores da história em quadrinhos reagiram à releitura do mito de Orfeu e Eurídice realizada por Gaiman, Talbot, Buckingham, Vozzo e Klein. *Sandman* foi publicado, entre os anos de 1988 e 1966, pela DC Comics, em 75 edições com uma edição especial, *Sandman Special: The Song of Orpheus*, publicada, no dia 8 outubro de 1991, entre as edições mensais nº 31 e nº 32, como parte da ação de merchandising promovida pela DC Comics intitulada de *Sandman Month*. Como é elucidado, por Vera L. Zolberg, um trabalho artístico para obter uma recepção satisfatória ou sucesso dentro do mercado no qual está inserido não depende de suas qualidades e sim de uma Estrutura de apoio, a saber, ações intermediárias entre o artista e sua obra com sua audiência alvo (2006, p. 207). A publicação, de *Sandman Special: The Song of Orpheus*, como parte do *Sandman Month* cumpre esse papel intermediador. Um dos intentos da comunicação é examinar como o uso do mito de Orfeu e Eurídice foi recebido pela audiência de *Sandman* a partir da análise das cartas dos leitores publicadas

na *Letters in The Sand* de Sandman. Essa apresentação é um recorte da pesquisa de doutorado, orientada pela Profa. Dra. Juliana Bastos Marques, no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

**Riobaldo herói trágico: a relação de Grande Sertão: Veredas com a peça Édipo Rei de Sófocles**

*Stefanie Machado Costa (UFRJ)*

Walter Benjamin (2011) buscou investigar o lugar histórico-filosófico da forma, ou teoria, trágica. Para o filósofo, essa perspectiva, quando levada em consideração, permite ampliar os pontos de análise de obra, podendo ser capaz de relacioná-la com outros gêneros posteriores para além do grego antigo, uma vez que não é possível desassociar uma filosofia da história de pensar o local do teatro grego e da tragédia diante da circunstância em que foi escrita, na arte e na cultura ocidental. Os conceitos compartilhados reformulados historicamente se associam com as sensações de culpa, expiação, melancolia, hesitação, dúvida, realocando os principais elementos do teatro grego. Para Benjamin (2011), o relevante é a construção estética diante de uma visão de mundo que busca justificar aquele trágico. A filósofa Sônia Viegas (1985) realizou a releitura de Grande Sertão: Veredas como uma obra de caráter trágico, devido à falta de condições do homem, no caso Riobaldo, para se apreender o passado e a experiência pelo narrado, levando em consideração a dimensão da existência do homem (Viegas, 1985). Para a filósofa, a tragicidade em Grande Sertão: Veredas é enquanto um relato que luta com as palavras, ao passo que é vinculada ao poder de instauração do real pela palavra. A recepção do tema trágico dentro da obra rosiana dá uma nova dimensão aos estudos do romance, uma vez que procura situar, dentro do enredo, o fenômeno trágico, focalizando problemas e discussões que eram abordadas pelos helenistas, mas agora ganham uma nova ressignificação da realidade. A filósofa é a primeira a refletir, por meio da recepção do gênero trágico, a constituição da narrativa, a capacidade humana de realizar sua travessia e a tomada de consciência do homem. Desse modo, a linguagem se constituiria para a autora, não só como trágica, mas como o meio pela qual essa tragédia é possível. Assim, se estabelece na história da filosofia um conceito de trágico em que as atitudes do protagonista são voltadas para o autorreconhecimento de seus próprios atos, despertando uma nova consciência filosófica, uma capacidade de pensar que o permitisse olhar para si mesmo.

**Entre o antigo e o reacionário: um estudo sobre as produções da Brasil Paralelo e a sofística clássica**

*Ian Moura Gomes do Nascimento (UNIRIO)*

Este trabalho pretende apresentar uma análise dos usos dos clássicos e da tradição clássica na extrema-direita e no conservadorismo brasileiros, a partir do estudo de caso dos usos dos sofistas feitos pela Brasil Paralelo. A sofística, que por um tempo foi considerada pela tradição como uma das principais responsáveis pela “decadência moral ateniense”, é uma das práticas antigas que têm sido criticadas pela Brasil Paralelo sob o viés de uma recepção de ideias platônico-aristotélicas. Essa caracterização moralista de discursos filosóficos relaciona determinadas práticas à ideia de decadência e relativização da moral e dos bons costumes. Nos usos da antiguidade clássica da Brasil Paralelo, a ideia de verdade é conduzida a um conceito principal: a consolidação da tradição “virtuosa” do Ocidente enquanto espaço de poder, legitimidade e autoridade sobre quais são os caminhos certos para a verdade, a religiosidade, a civilização e o progresso. Tal dinâmica de conservação da tradição da denominada “Cultura Ocidental” é posta pela Brasil Paralelo como um contraponto aos discursos subjetivos e contemporâneos da pós-modernidade, que estariam em disputa com essas visões tradicionais recepcionadas da antiguidade e da modernidade. Esse relativismo moral teria, segundo essa visão, se originado na Grécia antiga através da filosofia de Protágoras, ao afirmar que “o homem é a medida de todas as coisas”, aprimorado no século XIV através do nominalismo de Guilherme de Ockham e ressurgido no contemporâneo com a “relativização da verdade”. Com esse trabalho, portanto, questionamos até que ponto essa visão conservadora do pensamento platônico-aristotélico utilizada pela Brasil Paralelo distorce elementos clássicos da sofística ao recepcioná-los. Por meio do estudo dos elementos conservadores de civilização, imperialismo e autoridade da tradição clássica presentes em documentários da produtora e textos publicados no site da Brasil Paralelo, será possível compreender em que medida esses discursos recepcionados da antiguidade ainda são apreendidos e apropriados, como meio de legitimar discursos violentos de grupos de extrema-direita contra grupos socialmente marginalizados.

### **Do Mediterrâneo Antigo ao Rio de Janeiro: a Minerva "carioca" da UFRJ**

*Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)*

Criada em 1920, a atualmente denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) levou cinco anos para definir seu emblema: a Minerva, antiga divindade mediterrânea relacionada a sabedoria, ciência, artes, estratégia e excelência. Nesta apresentação, abordaremos o percurso de vida da quase centenária Minerva da UFRJ, objetivando identificar e analisar as diferentes apropriações pelas quais passou ao longo da sua existência.

**MESA COORDENADA 08 - SALA 227 (10:00 às 12:00)**

**TEMA: Roma Antiga e a experiência religiosa na antiguidade**

**Coordenador: Jonathan Cruz Moreira (UNIRIO)**

**A divinização de C. Júlio César e o homem-deus nas cartas de Cícero (44 a.C.-42 a.C.)**

*Jonathan Cruz Moreira (UNIRIO)*

Nos idos de março de 44 a.C., terminava a ditadura estabelecida por C. Júlio César desde 49 a.C., com a vitória contra as tropas de Cn. Pompeu e do Senado Romano. O assassinato de César, com múltiplas punhaladas desferidas na Cúria de Pompeu, daria início a um processo de acomodação entre os chamados "libertadores" por Marco Túlio Cícero e os que permaneciam detentores do legado de César, especialmente na pessoa de Marco Antônio e, posteriormente, o jovem Otávio. Parte importante deste processo de acomodação inicial, no rescaldo dos idos de março, era a divinização de Júlio César. Um homem já morto tornava-se, então, deus, e já em 42 a.C. iniciava-se a construção de seu primeiro templo, no Fórum Romano. No período tardo-republicano, a divinização era um debate existente e acalorado. O objetivo principal desta comunicação consiste em refletir sobre o processo de divinização de Caio Júlio César, tendo como foco a análise da documentação ciceroniana, especificamente seu corpus epistolar escrito durante seus últimos anos de vida, entre o assassinato de César, em 44 a.C., e sua própria desgraça nas mãos dos triúnviros, em 42 a.C. Cícero estava inserido nas principais discussões teológicas e filosóficas de seu tempo e também não era alheio ao debate sobre a divinização de homens, posicionando-se em suas cartas em relação às honrarias dadas a César em vida e após a morte. Embora a divinização de César tenha se consolidado apenas após a morte do orador, sinais inequívocos de honrarias extravagantes tinham a atenção e a crítica de Cícero. Compreendemos que o período tardo-republicano foi o palco de uma transformação importante na relação entre homens e deuses, onde cada vez mais as relações pessoais e familiares com o divino tornavam-se elemento legitimador das escolhas e das personalidades humanas.

**A contemplação do *mundus* no *De Natura Deorum*, L.2 de Cícero**

*Glauce de Souza Luz (UNIRIO)*

A presente comunicação trata-se de uma abordagem exploratória sobre o pensamento filosófico estoico da contemplação do mundo, presente no livro II do debate filosófico do *De natura deorum*, de Marco Túlio Cícero. Busca-se salientar a contemplação do mundo como via necessária à condução da vida do ser humano de maneira virtuosa. Nas experiências da vida humana, seja pela filosofia ou pela astronomia, muitos povos estabeleceram a conexão com o cosmos e os deuses para encontrar o sentido de suas existências. Os romanos, em especial no século I a.E.C., procuraram com afinco essas respostas pela *contemplatio mundus*, ou seja, pela utilização dos sentidos da visão e da audição com vistas a encontrar o sentido existencial na harmonia do cosmos, na sua regularidade e ordem. Do mesmo jeito como o cosmos era organizado, belo e feliz, também o ser humano o poderia ser na sua jornada terrena. Havia, desse jeito, um efeito reflexo, pois o ser humano fora criado pelos deuses à sua imagem e semelhança. Desse modo, busca-se nessa comunicação explorar a contemplação do

mundo como caminho da jornada de produção de sentidos na vida romana no referido século no debate filosófico do livro II do *De natura deorum*, especialmente no discurso de Lucilio Balbus, o estoico. Exploraremos o gênero literário e o uso da filosofia e do fomento de sua produção nesse período específico, levantando-se ao questionamento do porquê dessa grande produção nesse contexto e, por fim, ressaltaremos a importância da conjugação das virtudes por meio da contemplação do mundo.

### **Religião no De Re Rústica de Varro**

*Laís Laia Duarte (UNIRIO)*

Esta comunicação faz parte de um trabalho mais amplo que tem por objetivo identificar o papel que as figuras divinas, os rituais religiosos e as referências aos astros ocupam na construção do discurso cosmológico no *De re rustica* de Varro. Além disso, buscamos entender como esse discurso se relaciona com o contexto político-religioso romano tardio, bem como, com as correntes teóricas das quais o intelectual manteve maior contato, como a acadêmica e a estoica. Quanto à metodologia, os diálogos serão analisados através da técnica de análise de discurso apresentada por Laurence Bardin, de maneira a estabelecer ligações entre as condições de produção na qual o sujeito se encontra e as manifestações presentes no discurso. O polímata republicano Marcus Terentius Varro vem se tornando objeto de interesse da comunidade acadêmica e, após décadas de obscuridade, suas poucas obras conservadas têm recebido novas edições e análises. Este trabalho faz parte desse fluxo de pesquisas que identificam em Varro um potencial de contribuição para os estudos voltados à erudição antiga. O erudito escreveu cerca de setenta e dois títulos (aproximadamente seiscentos livros) que abrangiam os mais diferentes temas; infelizmente, muito pouco chegou conservado a nossas mãos. O *De re rustica* foi publicado por volta de 37 a.C. e é composto por três livros que abrangem três esferas de produção: a agricultura, a pecuária e a criação de animais da villa. Ainda que o *De re rustica* seja um trabalho que como cerne a apresentação de técnicas a serem seguidas na gestão de terras agrícolas, a obra constitui articulações mais profundas e complexas, tratando de temas políticos, filosóficos e religiosos. Os três livros que compõem a obra possuem passagens que estão relacionadas ao tema da nossa pesquisa; no entanto, para esta comunicação, nos ateremos apenas ao livro I, que reúne uma quantidade considerável de passagens em que os deuses são invocados e seus rituais são descritos de maneira a instruir um proprietário de terras agrícolas a garantir beneficia divina. Ao nos propormos a estudar religião na República Tardia, é crucial que nos afastemos da visão moderna que temos acerca da religião e de suas relações com as esferas da vida, principalmente da esfera pública, pois não corresponde experiência antiga. Para Varro, a religião não era compreendida apenas como uma tradição, mas como um *institutum*, algo criado por homens e, por isso, poderia acomodar muita história romana. Nesse sentido, ao elaborar a sistematização das teologias, o intelectual as ordena em

etapas históricas; a teologia natural corresponde à primeira forma de religião, sendo sucedida pela teologia cívica. Varro estava inserido em um momento marcado não só por revoluções políticas e militares, mas também por uma revolução intelectual. O final da República foi palco para uma confluência de ideias que não deixaram de fora a religião, tornando-a parte dessa revolução da mente.

**De volta a Ordem: A cosmogonia no Terceiro Oráculo Sibilino**

*Carlos Felipe Vitorino dos Santos Carneiro (UNIRIO)*

A proposta deste trabalho é analisar como Ordem e Caos é representada no texto pseudoepígrafe do séc. II aEc, conhecida como terceiro oráculo sibilino (OrSib 3). Para tanto, inicialmente buscaremos contextualizar nosso objeto a luz das dinâmicas sociais de sua época, a saber o Egito Ptolomaico, situando os debates em voga sobre as influências culturais as quais os judeus em Alexandria foram expostos. Em seguida, analisaremos, de forma concisa, a estrutura textual: o sentido do discurso, a linguagem profética e o seu gênero literário, que são essenciais no entendimento sobre a proposta do autor desse documento. Por fim, apresentaremos como o Cosmo é utilizado no texto sibilino, e como ele dialoga com a temática escatológica da Sibila, visto que a personagem estabelece uma conexão com diferentes tradições cosmológica. Portanto, perscrutar este documento nos ajudará a enxergar as digitais deixadas da cultura helênica na literatura do judaísmo do Segundo Templo, e como o OrSib 3, um texto pouco visto em língua portuguesa, inaugura, ao lado de outros apócrifos, uma literatura apocalíptica.

**“Aos nossos pais, aos deuses imortais e à pátria que a natureza primeiramente nos une”:**

**ethopoeia ciceroniana e drama cósmico em *De Haruspicum Responsis***

*Eduardo de Oliveira (UNIRIO)*

A ideia do trabalho é apresentar uma leitura retórica do texto *De haruspicum responsis*, em que ressaltaremos pontos essenciais da construção retórica do discurso, e em que condições Cícero foi capaz de elaborar argumentos efetivos para realizar uma ethopoeia para seu adversário, Clódio, e para si mesmo. Para alcançarmos nossos objetivos, analisaremos o discurso a partir de sua disposição, inicialmente examinando o exórdio e a narração do texto, para que busquemos identificar quais foram as preocupações iniciais de Cícero, para garantir uma boa recepção de sua audiência. Em seguida, apresentando a seção de confirmação e peroração do texto, identificaremos, a partir dos argumentos de Cícero, de que maneiras o autor considerou ser possível classificar, dentro do pensamento cívico-religioso romano, o seu adversário como um prodígio. Por fim, salientaremos possíveis necessidades e limites que Cícero possa ter encontrado para elaborar a sua resposta aos ataques de Clódio, de forma que ressaltamos certos aspectos da disputa política romana da república tardia.

**MESA COORDENADA 09 – SALA 310 (14:00 às 15:30)**

**Coordenador: Fábio de Souza Lessa (UFRJ)**

**Atletas helênicos**

*Fábio de Souza Lessa (UFRJ)*

Esta comunicação pretende apresentar os resultados ainda que parciais da pesquisa desenvolvida por mim junto ao projeto intitulado “Os corpos atléticos gregos no Fat Boy Group”, iniciado em 2021, e financiado pelo Programa Cientista do Nosso Estado da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ. A proposta foi refletir modelos cênicos de representação dos corpos dos atletas nas imagens áticas em suporte cerâmico do período clássico (séculos V e IV a.C.). Conseguimos verificar que existia um modelo hegemônico de figuração do corpo do atleta comumente presente nos textos antigos e na historiografia contemporânea – aquele de formas simétricas, harmônicas e perfeitas -, mas que este não foi o único. Tal constatação se deu a partir da análise da representação dos corpos que se distanciaram desse modelo e que foram reunidos por John D. Beazley no Fat Boy Group. Este corpus imagético foi fundamental para que pudéssemos romper com as idealizações dos corpos atléticos helênicos, revelando a sua pluralidade e a sua historicidade.

**O consumo de vinho por mulheres em Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.): uma análise das obras *Ilíada*, *Odisseia* e *As Bacantes***

*Stéphanie Barros Madureira (UFRJ)*

A presente comunicação pretende fazer uma análise do consumo de vinho por mulheres na poesia épica de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*, e na tragédia *As Bacantes*, de Eurípides. Temos como objetivo salientar as relações de gênero e a construção da identidade grega a partir das escolhas e hábitos alimentares apresentados pelos autores. Através de uma comparação aos moldes da proposta por Marcel Detienne em seu *Comparar o Incomparável* (2004), nós pretendemos demonstrar as semelhanças, diferenças e singularidades nos discursos dos autores, principalmente no que concerne a ingestão de vinho por parte de mulheres. Relacionando os textos aos seus contextos de produção, precisamos salientar que as produções literárias e os discursos propagados por elas estão, afinal, relacionadas às crenças, práticas e normais culturais das sociedades em que foram criadas. A seleção de modelos femininos baseada nos épicos e na mitologia eram, dessa forma, frutos da imaginação masculina. O consumo do vinho por mulheres nas obras dos autores parece perpetuar discursos específicos dos homens da elite de seus respectivos períodos, frisando sua ideologia.

**A Mantikê na Atenas Clássica: Emergência e rivalidade**

*Lennyse Teixeira Bandeira (UFRJ)*

Mantikê, ou mântica, é a arte de predizer o futuro, associada aos manteis, profissionais migrantes que chegaram à Grécia entre o final do século V a.C. e o início do século IV a.C. Esses especialistas possuíam a téchnê da adivinhação, oferecendo seus serviços a qualquer interessado que os remunerasse. Na antiguidade, a adivinhação era crucial tanto na esfera pública quanto na privada, fundamentada na crença na comunicação com o divino por diversos métodos. Entre os serviços dos manteis, destacavam-se abordagens terapêuticas que envolviam cura por encantamentos e manipulação de phármaka. Essas habilidades possivelmente geraram conflitos, como evidenciado nos textos de Platão e Hipócrates, que criticaram as atividades ligadas à mageía. A complexidade em definir a identidade e o papel desses profissionais está relacionada à natureza das fontes disponíveis. Os textos antigos, predominantemente de figuras influentes na sociedade ateniense, moldavam a narrativa e influenciavam a opinião pública. Filósofos e iatroi, parte da elite intelectual e defensores da ordem e religião licenciada pelo Estado, viam as práticas dos manteis como ameaça às crenças tradicionais, considerando-as ímpias devido à manipulação da agência divina para fins pessoais. Assim, prevalece uma perspectiva histórica negativa sobre essas atividades.

### **Entre a Rosa e a Romã – Encontros com Afrodite e Perséfone na Arte Severa**

*Lucas Malafaia Carvalhaes de Figueiredo (UFRJ)*

A comunicação nasce a partir de estudos desenvolvidos pelo autor numa seção de sua dissertação de mestrado, seção esta posteriormente reelaborada enquanto capítulo de livro publicado em coletânea organizada pelo professor doutor Fábio de Souza Lessa. Na transição entre os períodos e estilos Arcaico e Clássico observamos uma transformação notória dos princípios que estruturam a arte grega. Tomados enquanto princípio, a busca pelo naturalismo e pelo dinamismo, mas sobretudo pela individuação das figuras, passam a nortear a produção artística grega, refletindo desenvolvimentos observáveis não apenas no campo artístico, mas também naqueles religioso e ideacional. Tendo florescido nas últimas décadas da primeira metade do século V a.C., o estilo dito Severo ocupa o espaço de transição entre ambos, permitindo-nos identificar em seu seio características ambivalentes, que tanto apontam em direção às tendências que se tornarão preeminentes na arte clássica quanto transparecem suas raízes arcaicas. A partir de exemplos fornecidos pela cultura material da Magna Grécia podemos observar como este processo de transformações no vocabulário visual ocorreu ao analisarmos e compararmos a forma como um corpus documental heterogêneo - que abrange desde esculturas colossais a relevos marmóreos e pinaxes de terracota - nos propõem a individuação de Afrodite e Perséfone. Ainda que em princípio possamos considerar tratar-se de duas divindades cujas atribuições e personalidades encontram-se em nitidamente distinguidas, e em certa medida mesmo

contrapostas, a análise das evidências materiais e cülticas associadas à cidade magnogrega de Lócris Epicefírcia nos faz perceber o quanto estas encontravam-se intimamente associadas. As peculiaridades que caracterizam este contexto resultam numa produção visual que ainda que se constitua enquanto expoente de destaque do estilo Severo assenta-se ainda numa individuação que pode ser tida como ambivalente – talvez mesmo propositalmente ambígua – de ambas as deusas.

**SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 05 – SALA 227 (14:00 às 15:30)**

**Coordenadora: Anne Caroline Santos Nunes (UFRJ)**

**Mulheres e o direito à cidade na comédia de Aristófanes**

*Anne Caroline Santos Nunes (UFRJ)*

Ao pensarmos sobre as mulheres gregas da Antiguidade, a ideia comum que prevalece diz respeito à reclusão feminina no oikos, em especial, ao gineceu. Não prevalece a imagem que, mesmo no interior do espaço doméstico, a esposa tinha a possibilidade de ação. Encontramos em Heródoto, Tucídides e Xenofonte relatos acerca de situações nas quais a atuação feminina direta na esfera pública se torna efetiva. Apesar de em tais exemplos a ação feminina se encontrar condicionada à ausência masculina, estes nos oferecem condições suficientes para não considerarmos os ideais culturais da sociedade ateniense enquanto sua vivência social. A criação de um ideal normativo que vincula as mulheres ao espaço doméstico e, para tal, age de forma submissa, se relaciona ao silêncio no momento da criação dos fatos que, conforme nos diz Kostas Vlassopoulos (2007), significa que as evidências para um tema ou evento podem existir e mesmo assim não ser utilizadas como fato histórico. Pretendemos, portanto, a partir da comunicação em questão, analisar a agência política feminina nas comédias de Aristófanes, a exemplo de Lisístrata (411 AEC), As Tesmoforiantes (411 AEC) e Assembleia de Mulheres (392 AEC), e como tais produções cômicas nos mostram indícios de como as mulheres formulavam táticas para agir no interior da vida pública políade. Assim, descortinamos um novo universo a ser pensado e analisado no que se refere à compreensão do lugar da mulher “cidadã” na sociedade grega antiga que contrariam o discurso tradicional que associa o feminino à reclusão ou passividade.

**Cidadania e cumplicidade: uma análise sobre o testemunho da florista em Tesmoforiantes**

*Lucas Dias Ferreira (UFRJ)*

Esta comunicação pretende compartilhar os avanços da nossa pesquisa sobre gênero na Antiguidade grega, agora, na pós-graduação. Ainda buscando reflexões que almejam ultrapassar as limitadas discussões sobre o feminino na Comédia Antiga de Aristófanes, visualizamos a peça Tesmoforiantes, encenada no festival das Grandes Dionisíacas do ano de 411 a.C., como um material sólido para a

sustentação de nossos estudos que analisam as esposas atenienses como um grupo social, ainda que informal, que agia de modo relativamente autônomo na pólis clássica. Segundo Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, a amizade (*philia*) é construída pelo entendimento de igualdade entre dois indivíduos, sendo essa semelhança caracterizada pelo compartilhamento das mesmas experiências de vida que darão conta de estabelecer a harmonia entre os pares e, conseqüentemente, a ideia de grupo. No contexto da peça aristofânica em questão, são esses sentimentos de identificação e amizade que levam as mulheres da cidade a comporem uma assembleia no Tesmofórion, com o objetivo de deliberar um castigo ao Eurípides, acusado de falar mal das mulheres diante de seus maridos através das suas tragédias. Com efeito, se Aristófanes, não só em *Tesmoforiantes*, mas também em *Lisístrata* e em *Assembleia de Mulheres*, achou possível encenar mulheres dotadas de atributos retóricos para o debate democrático, podemos especular, então, que o poeta reconhecia as mulheres como um grupo “paralelo” ao corpo aristocrático ateniense. Seguindo essa lógica, é nosso objetivo analisar as projeções de *philia* que se apresentam entre as mulheres que compõem a assembleia e seus níveis de cidadania, tomando como referência o depoimento da florista no epiroma da comédia (v.443-458).

**Atração e expulsão na Atenas Clássica: a polis e o “ex-cidadão” em textos trágicos do século V a.C.**

*Bruno Amaral Oliveira (UERJ)*

A partir da análise de peças trágicas do Século V a.C. – a trilogia Tebana e comparação com apontamentos sobre outras obras - discutimos os conceitos de migração forçada, asilo, exílio, refúgio, súplica e ostracismo na Antiguidade Clássica. Buscaremos, nestas narrativas e contextos históricos de sua exibição, as condições e visão dos atenienses acerca dos exilados, bem como as diferenças entre tais experiências de exílio de acordo com as diversas identidades e circunstâncias dos exilados. Para este escrito, estudaremos a temática do exílio, trabalhando os conceitos de migrações forçadas, asilo e súplica na Trilogia Tebana, isto é, “*Édipo Rei*”, “*Édipo em Colono*” e “*Antígona*”. Assim, torna-se útil também os estudos acadêmicos acerca de outras peças teatrais que tratam da temática do asilo e da súplica como “*Medéia*” e “*As Suplicantes*”. A partir da questão conceitual etimológica, onde buscaremos os vocábulos que referenciam a temática do refúgio e da expulsão, acredita-se que obteremos uma melhor percepção do imaginário social ateniense a respeito destes indivíduos. Para isso, utilizaremos o método de análise semiótica da leitura isotópica. Com ele, poderemos isolar as isotopias, isto é, o conjunto de elementos de significação recorrentes e/ou redundantes que apareçam no texto. A utilização da semiótica justifica-se por esta possibilitar uma análise que se atenha às configurações presentes no texto. O trabalho até então realizado permitiu-nos atentar às principais semelhanças ritualísticas e “procedimentais” no recebimento e na realização da súplica, presentes em diferentes obras. Tais congruências permitem-nos definir os “processos” comuns à instituição de asilo e o valor da hospitalidade na Atenas Clássica, mas também perceber as diferenças: cada experiência de refúgio e migração é ‘única’, uma vez que a identidade do “expatriado” não

se limita à sua condição de exilado. Com o conceito de interseccionalidade, podemos compreender como tais experiências são atravessadas por diversas outras como sua etnia, gênero, respeito à cultura hospedeira, ligações, “poder e legitimidade” de outrora – bem como a possibilidade de reavê-los. Por fim, como tais categorias combinadas instituem-se, em síntese, em indivíduos cuja recepção ou rechaço terão alguma serventia à pólis escolhida como hospedeira. Além disso, foi possível observarmos, pela bibliografia acadêmica levantada, a mudança na caracterização e visão a respeito dos exilados políticos ao longo do século V a.C. Assim, encontramos pontes e semelhanças entre a narrativa e as crises migratórias: os sujeitos são atravessados pela experiência da fuga de guerras, perseguição e eventos traumáticos em busca de sobrevivência. Nesse sentido, utilizarmos o conceito de interseccionalidade para analisar a condição do exilado na Grécia antiga pode oferecer uma compreensão mais rica e multifacetada das experiências desses indivíduos.

### **Religiosidade feminina na Atenas clássica: uma análise das Grandes Panatenéias**

*Roberta Rubinstein (UFRJ)*

Na presente comunicação, pretendemos analisar a presença feminina no festival das Grandes Panatenéias na Atenas clássica. Dentre os diversos ritos e festivais que marcavam o calendário políade, alguns, como as Tesmofórias e a Adonia, possuíam participação feminina. As Grandes Panatenéias, o maior deles, era um evento que ocorria a cada quatro anos a fim de comemorar o nascimento de Atena e seu valor para a cidade. Nesse contexto, ocorriam uma série de celebrações em honra à deusa, como competições esportivas e apresentações de músicos, mas a principal delas era a procissão que saía da periferia da cidade e ia até a Acrópole conduzindo o péplos, vestimenta confeccionada por mulheres, tanto jovens quanto adultas, bem-nascidas da *pólis*. A participação feminina tanto nesse processo, que durava a maior parte do ano, como na procissão, compunham o cerne de toda a celebração, além de expressar valores de identidade para esse público. Segundo Jenkins, as Panatenéias constituíam o meio através do qual a arte doméstica e privada do tear tornava-se pública e a importância do feminino e sua destreza tornavam-se o foco da atenção de toda a cidade (2004, p.38). Nesse sentido, abordaremos como o festival se identificava e expressava valores femininos.

**MESA COORDENADA 10 – SALA 310 (15:30 às 17:00)**

**TEMA: Grécia Arcaica: Cultura e Sociedade**

**Coordenador: Felipe Marques Maciel (UFRJ)**

**Uma “arqueologia” do cuidado de si na Grécia Arcaica: o Odisseu homérico e o controle emocional**

*Felipe Marques Maciel (UFRJ)*

O objetivo desta comunicação é refletir sobre a relação entre o cuidado de si e o controle emocional na Odisseia, de Homero. A partir da análise de algumas passagens do poema, procuraremos demonstrar como o personagem de Odisseu utiliza uma série de técnicas de gestão das emoções que contribuem para a elaboração do que poderíamos chamar de “arqueologia do cuidado de si” no período arcaico da Grécia Antiga. Partindo das observações de Michel Foucault em sua História da Sexualidade, especialmente no terceiro volume, “O cuidado de si”, analisaremos como o discurso épico arcaico se vale de ideias relacionadas ao cuidado que, mais tarde, farão parte do conjunto de ocupações do sujeito consigo mesmo denominado “epiméleia”. Noções homéricas como “resiliência” e “rancor” também serão comentadas ao longo da exposição, em um quadro teórico relacionado à História das Emoções.

### **Emoções e gênero: um estudo dos medos nos Cantos Homéricos**

*João Pedro Barros Guerra Farias (UFRJ)*

Sabemos que as emoções, enquanto discurso, fazem parte de uma lógica de poder. Isso significa dizer que, sendo a passionalidade menos valorizada que a racionalidade, dizer que determinado gênero é mais sujeito ao sentir significa dizer que este ou aquele se encontra em uma relação de poder inferior. Esse paradigma, apesar de surgir na antiguidade e ainda se reproduzir no mundo moderno, parece estar presente menos nos discursos das epopeias antigas e mais nos discursos filosóficos e morais. Que os pensamentos filosóficos permeiam a literatura não há qualquer dúvida. Porém, ao analisarmos o modo como os personagens da Ilíada e da Odisseia sentiam, essa não parece ser uma verdade. Homens e mulheres sentem de maneira muito parecida, e constantemente na mesma intensidade. Pensando nisso, o objetivo da nossa pesquisa é analisar a construção das emotividades, especialmente do medo, nos discursos literários homéricos, para compreender de que maneira a poesia arcaica entendia a relação entre gênero, emoções e medos.

### **As perspectivas do amor em Safo de Lesbos**

*Mariany Mathias Rosa (UFRJ)*

Esta comunicação tem como objetivo analisar o fragmento 1 e o 16 de Safo de Lesbos, a fim de entender como as ideias de amor Eros e a Philia eram construídas nos ciclos sociais da antiguidade grega para atender o público que ouvia essas canções. O artigo nos mostra que, mesmo que as ideias de amor sejam muito bem delimitadas, elas poderiam indicar mais de uma intenção a partir de sua plateia.

**MESA COORDENADA 11 – SALA 227 (16:00 às 17:30)**

**TEMA: O aspecto relacional das religiosidades do mundo antigo**

**Coordenador: Jerrison Patu de Melo Alves (UFRJ)**

**A presença dos ritos persas na Atenas do período clássico sec. V a.C.**

*Jerrison Patu de Melo Alves (UFRJ)*

A proximidade entre persas e atenienses é resultante do comércio e da guerra, fatores que apontam para uma transmissão de ritos e práticas oriundos da Pérsia para a pólis dos atenienses através do contato multicultural o qual proporcionou no conhecimento dos magos e sua capacidade de evocar os mortos em trocas de pagamentos realizados por ricos cidadãos atenienses. Torna-se fundamental para a nosso entendimento a análise da documentação literária Os persas de Ésquilo porque ao verificarmos essa dramaturgia é possível notar a adoção do dialeto persa elaborado por Ésquilo para ratificar a relação amistosa e não binária de oposição entre atenienses e persas, além disso o dramaturgo revela a notoriedade das práticas ritualísticas dos magos persas e sua disseminação pelo território atenienses, pois são explicitada na documentação literária Os persas de Ésquilo através da figura de Dario, falecido rei persa, pai de Xerxes. Portanto, recorreremos a dramaturgia com a ideia de refletir sobre o rito persa o qual enaltece a proximidade entre as sociedades atenienses e persas no decorrer do século V a.C.

**O Poder do Faraó Manifestado através dos Túmulos Reais: As Pirâmides como afirmação de hierarquia no pós-morte**

*Gustavo Henrique Marques Maciel (UERJ)*

Para os egípcios, a morte se dava no momento em que a alma se desprendia do corpo, sendo este apenas um dos estágios da existência então mesmo nesta fase, era necessário se conservar o corpo para que em um próximo estágio da alma do indivíduo, esta voltasse ao seu corpo para desfrutar, se fosse digna, de uma nova vida mesmo após sua morte inicial. Mesmo no momento de sua morte os egípcios tinham ciência de sua posição dentro da hierarquia socioeconômica que os identificava durante toda a sua vida. As diferenças que se desdobram por poder aquisitivo dos indivíduos são denotadas fisicamente no momento de seu sepultamento, fica evidente a distância cultural dos costumes entre aqueles que têm seu corpo velado em grandes monumentos de pedra/sarcófagos que perpassam o tempo e sobrevivem até os dias atuais, que as escavações arqueológicas apontam que eram adornadas de grandes estátuas e pinturas de boa qualidade, por isto são ainda existentes, que contam as histórias da vida do indivíduo ali sepultado. Nos questionamos sobre o grupo de pessoas que não havia condições de despojar dos mesmos rituais fúnebres dos grandes faraós, a procissão até a pirâmide, os objetos que se enterram junto e os papiros dos mortos, estes contentavam-se com o enterro na areia desértica, seus corpos eram embalados em pele de animais e então ficava marcada a clara discrepância.

### **A Topografia do Submundo Grego: um estudo sobre a geografia de Hades**

*Bruno de Cerqueira Braz (UERJ) e Larissa Barbosa de Oliveira (UERJ)*

O submundo é uma temática tratada em diversas obras textuais do período arcaico e clássico. Autores como Homero, Hesíodo ou Aristófanes se utilizam dos elementos advindos da topografia ctônica para compor suas obras. No entanto, a respeito do estudo historiográfico dessa temática, nos surpreende a falta de material a respeito da estrutura do reino de Hades. A reconstrução da topografia ctônica limita-se a conexões na literatura, na iconografia presente em vasos lécitos e nas lâminas órficas douradas. Além disso, a visão acerca da morte, dependente de cada período, reflete também na organização desse reino, sendo diferente em cada produção cultural. Nos propomos a explorar o símbolo escatológico de diversos aspectos ctônicos na religião grega, com o intuito de criar uma rede de interconexão baseado em fontes arcaicas e clássicas e inscrições presentes nas lâminas órficas para entender qual era a concepção do mundo de Hades.

#### **MESA COORDENADA 12 – SALÃO NOBRE (18:00-20:00)**

**TEMA: Conhecendo o Projeto de Extensão Viva+Cidade: descobrindo o Neoclássico Carioca**

**Coordenadora: Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)**

**A presença do neoclássico na arquitetura carioca do século XIX**

*Beatriz Ponte (UFRJ)*

O presente trabalho é fruto do projeto de extensão “Viva + Cidade: descobrindo o neoclássico carioca”, coordenado pelos professores doutores Deivid Gaia (LHIA/UFRJ) e Regina Bustamante (LHIA/UFRJ). Esse projeto mobiliza as áreas de Museologia, Arqueologia, Educação Patrimonial, História Antiga, do Brasil, da Arte etc. e, portanto, a partir de aulas expositivas – que auxiliaram na construção de um arcabouço teórico – e, também, de visitas de campo realizadas no centro do Rio de Janeiro, foram desenvolvidas atividades que visavam, dentre outros objetivos, a construção de um inventário participativo sobre o patrimônio cultural neoclássico carioca, contribuindo para a compreensão da comunidade local quanto à memória da cidade e a preservação dos espaços públicos. Essa comunicação, portanto, é dedicada a explorar a presença do neoclássico na arquitetura do Rio de Janeiro, do século XIX, a partir da análise da fachada de dois edifícios que foram estudados durante as aulas da disciplina “A cidade dos deuses: o Rio de Janeiro dos séculos XIX e XX”, no período de 2023.2, também vinculada à extensão Viva+Cidade. São eles: a Fundação Biblioteca Nacional e a edificação que abriga o Instituto de História (IH) e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ. Nesses dois prédios, por influência do estilo arquitetônico neoclássico, é possível encontrar elementos e formas que remetem à Antiguidade Clássica, aproximando esse passado tão distante da paisagem das ruas que vemos todos os dias. Dessa forma, o objetivo

será trazer um novo foco para a observação desses edifícios, que fazem parte da cultura material do Rio de Janeiro.

### **Educação Patrimonial Através da Presença da Antiguidade na Urbe Carioca**

*Ana Clara Hildebrandt Marques de Souza Costa (UFRJ)*

*Ana Bustamante Ayala (UFRJ)*

Durante o XXXIII Ciclo de Debates em História Antiga, em 2023, os extensionistas do projeto “Viva+Cidade” elaboraram itinerários, chamados de Janelas de Extensão, que tinham como objetivo apresentar, sob um novo prisma, parte do patrimônio histórico e cultural no centro do Rio de Janeiro, principalmente aqueles de origem neoclássica e eclética. O neoclassicismo foi uma corrente artística e arquitetônica que tinha, dentre suas características mais marcantes, a incorporação de elementos e formas que remetiam à Antiguidade Clássica – no Brasil, foi predominante nos séculos XIX e XX. O ecletismo, por sua vez, também comum nesses séculos, refere-se a uma combinação de estilos – dentre eles, o próprio neoclássico. Os usos desses estilos, no contexto da jovem República brasileira, vieram das mais diversas motivações políticas e sociais – e, hoje, os mais belos edifícios e conjuntos escultóricos que moldaram a cidade da forma que conhecemos continuam presentes no cenário urbano. Dessa forma, os itinerários foram desenvolvidos de forma a realçar os elementos da Antiguidade presentes nesse patrimônio arquitetônico carioca, apresentando-os e analisando-os junto ao público. Como forma de apoio a esses itinerários, foram elaborados folders para apresentar a história e os usos do espaço em que esses estavam inseridos. Assim, a presente comunicação apresenta uma contextualização da documentação elaborada pelos extensionistas, destacando as Janelas de Extensão como forma de educação patrimonial e do estudo de meio no centro carioca. A análise de elementos neoclássicos e ecléticos presentes no patrimônio urbano permitiu mais do que uma simples imersão histórica no desenvolvimento da cidade, mas também uma melhor compreensão de como esses elementos contribuíram para a formação da identidade política, simbólica, histórica e cultural do Rio de Janeiro que conhecemos hoje.

### **Rio de Janeiro, a Cidade dos Golfinhos**

*Luiza Santos Freire de Souza (UFRJ)*

A presente comunicação tem por objetivo apresentar um produto, do período de 2024.1, da extensão “Viva+Cidade” do Laboratório de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LHIA/UFRJ). Nesse semestre, o foco selecionado para esse projeto girou em torno da figura mitológica dos golfinhos. Esses eram muito importantes na Antiguidade Mediterrânea, de forma que referências aos mesmos podem ser encontradas em documentação literária e material provenientes da

região. Diversos autores antigos, como Aulo Gélío, Plutarco, Júlio Higino e Plínio, o Velho, escreveram sobre esses animais em suas obras, os tratando como seres inteligentes e propensos ao amor. Júlio Higino, por exemplo, nos apresentou a narrativa de amor entre Netuno e Anfitrite, na qual os golfinhos desempenharam um papel essencial para a união dos amantes (Hyg. Poet. Astr. II, 17). Esses seres, tão presentes no Mediterrâneo antigo, podem ser encontrados mesmo nos dias de hoje, na própria cidade do Rio de Janeiro – em estatuários de fontes d'água, em pinturas, no próprio brasão desse município, dentre outros. No decorrer das atividades do projeto de extensão, foram explorados e catalogados, com maior foco, os golfinhos que antes estavam situados no Cais do Valongo, mas, ao fim, tivemos como produto 27 fichas que identificaram diferentes golfinhos espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Pretendemos que essas sirvam como material tanto para pesquisadores(as) como para professores(as) de todos os níveis de ensino. Nesse sentido, essa comunicação também busca demonstrar como esse projeto, ao construir novos saberes que unem as histórias da Antiguidade e do Rio de Janeiro, tem tomado forma a partir da perspectiva de uma extensão universitária: ação que possibilita o compartilhamento do conhecimento produzido com um público externo.

**Panteão Carioca: as alegorias no patrimônio do Rio de Janeiro como ferramenta de ensino da História Antiga**

*Christiano dos Santos Barbosa (UFRJ)*  
*Vanessa Trompieri Gaudêncio (UFRJ)*

O presente trabalho é resultado do projeto de extensão “Viva+cidade: descobrindo o neoclássico carioca”, coordenado pelos professores doutores Deivid Valerio Gaia e Regina Maria da Cunha Bustamante. Esse possui, como um de seus objetivos principais, identificar e analisar a presença da Antiguidade no espaço urbano carioca do século XIX e XX. Nesse viés, em 2023.2, um dos focos deste projeto era criar uma ferramenta que colaborasse com o ensino de História Antiga, do Brasil e da Arte na Educação Básica e Superior a partir da análise da presença de alegorias greco-romanas no patrimônio público e privado carioca. Compreendemos que, através do estudo dos usos das alegorias e de suas funções simbólicas, é possível discutir a existência de elementos da Antiguidade Clássica no cenário urbano do centro do Rio de Janeiro – em fachadas de edifícios, monumentos e espaços públicos – e, assim, melhor perceber o impacto cultural, social e político dessas representações no contexto brasileiro no século XIX e início do XX. Desse modo, em uma disciplina (“A cidade dos deuses: O Rio de Janeiro dos séculos XIX e XX”) vinculada ao projeto de extensão citado, elaborou-se um jogo, denominado “A Cidade dos Deuses”, com o intuito de ser usado em sala de aula, na Educação Básica, para apresentar algumas das alegorias que adornam o espaço público carioca para crianças de 14 anos ou mais. Logo, nossa proposta nesta comunicação é apresentar esse produto

enquanto ferramenta didática para o ensino de História Antiga, do Brasil e da Arte e, também, para o trabalho com Educação Patrimonial, enfatizando a importância da preservação da nossa cultura material através da compreensão, valorização e respeito à diversidade patrimonial – o que, por sua vez, contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

**SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 06 – SALA 227 (18:00 às 20:00)**

**Coordenador: Leonardo Viola (UFPR)**

**Escrever uma história universal no século I a.C: o caso de Diodoro Sículo**

*Leonardo Viola (UFPR)*

Desde pelo menos o século IV a.C, com Éforo de Cumas, iniciou-se a tradição grega de escrever histórias que abarcassem um largo período de tempo, ou um vasto espaço, ou mesmo ambos. Essa maneira de se narrar a história política, expandida pelo período helenístico, teve uma nova fase com as conquistas da república romana e com Políbio (século II a.C). Mas foi no século I a.C que diversas obras desse gênero surgiram, com autores como Pompeu Trogo, Posidônio de Apaméia e Diodoro Sículo. Idéias importantes para o universalismo, como o evergetismo ou benfeitoria, bem como o progresso e a irmandade dos seres humanos, fazem parte do universalismo de Diodoro, muito por causa da influência do estoicismo, que também traz em sua obra questões de identidade local que têm um papel central na narração histórica, especialmente no que concerne as figuras mitológicas e políticas de sua terra natal, a Sicília. O objetivo aqui é analisar e compreender as peculiaridades da obra de Diodoro Sículo, autor da “Biblioteca Histórica”, uma obra composta por 40 livros, dos quais sobreviveram 20 (os primeiros cinco e dos livros 11 ao 20).

**Os bárbaros nos governos de Teodósio I, Arcádio e Honório e as diferentes perspectivas de Zósimo e Jordanes (século VI E.C.): considerações iniciais**

*Jéssica da Costa Minati Moraes (UNESP/FRANCA)*

Esta apresentação é um recorte de nossa pesquisa desenvolvida atualmente no Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Unesp. Nela, utilizamos a História Nova (Livros IV, V e VI) de Zósimo, a Romana e a Getica de Jordanes, dois autores tardo-antigos no contexto do sexto século da Era Comum. O contexto da Antiguidade Tardia é notável devido a uma série de mudanças políticas ocorridas no Império Romano, incluindo a divisão política entre o Império Romano do Ocidente e o Império Romano do Oriente. Pretendemos delinear algumas considerações iniciais acerca da pesquisa intitulada Os Povos Bárbaros nos governos Teodósio I (347 - 395), Arcádio (377 - 408) e Honório (384 - 423): as diferentes perspectivas entre Zósimo e Jordanes (Século VI E.C.), onde nosso principal objetivo e foco de investigação é analisar as obras dos autores do sexto século e buscar pontos de convergência e divergência acerca de suas observações do poder imperial, especialmente nos aspectos

políticos, administrativos e militares, relacionados aos povos bárbaros, ou seja, como esses povos foram inseridos na sociedade romana. Zósimo (460 - 518/520) foi um *advocatus fisci* que atuou na administração fiscal imperial e foi um homem não-cristão, enquanto Jordanes (século VI E.C.) atuou como *notarius* de um *magister militum* bárbaro chamado Baza, foi um cristão niceno, e possuía origem presumivelmente gótica. Tendo em vista nosso objetivo principal, trataremos também de nossa hipótese de trabalho: tanto Zósimo, quanto Jordanes, exercem críticas ou elogios aos imperadores de seu tempo presente, a saber, Zenão I (425 - 491), Anastácio I (430 - 518), Justino I (450 - 527) e Justiniano (482 - 565), projetando essas considerações sobre imperadores do passado, Teodósio I e seus filhos, Arcádio e Honório. Também pretendemos realizar considerações acerca do contexto histórico, do atual estágio da pesquisa e os resultados obtidos até o momento.

**Uma (re)construção do passado grego em 'Descrição da Grécia' de Pausânias (séc. II d.C.)**

*Camila Sartorio Sfalsin (UFES)*

Na presente comunicação, nos propomos a analisar a atuação do escritor e viajante grego Pausânias no que concerne aos elementos sagrados do passado grego em uma Corinto remodelada à luz do Principado. No século II, Corinto, cidade descrita pelo autor, achava-se dominada por Roma, que a havia destruído em 146 a.C. e reconstruído em 44 a.C. Posto isso, nosso foco de estudo é investigar a maneira como Pausânias representa a 'colônia' de Corinto estimulado pelo anseio de reconstruir uma identidade helênica mediante a evocação dos cultos como marcadores identitários no espaço urbano. Portanto, o autor, como membro de uma elite helenizada e com profundo conhecimento da cultura clássica, demonstrava habilidade notável para capturar as nuances culturais e religiosas gregas nas cidades. Assim, é plausível inferir que, apesar de ter percorrido diversos lugares já sob o Império romano, as motivações do que e do por que escrever eram, de fato, dirigidas pelas intencionalidades do autor uma vez que, o objetivo da obra de Pausânias está, decerto, intrinsecamente ligado ao público que ele pretendia alcançar. Posto isso, nosso foco é investigar a intencionalidade presente em sua obra, 'Descrição da Grécia', enquanto uma narrativa fundamentada nas inscrições epigráficas e demais elementos arquitetônicos como fonte para o estudo das 'póleis' em época romana.

## QUINTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 2024

### CONFERÊNCIA – SALÃO NOBRE (10:00-12:00)

#### **CONFERÊNCIA 6**

##### **As vivências femininas na Grécia Clássica: a atuação das jovens esposas no mundo do trabalho**

*Profa. Dra. Nathalia Monseff Junqueira (UFMS)*

Durante muitos séculos acreditava-se que as jovens esposas, na Grécia Clássica, estariam reclusas em um espaço doméstico reservado aos afazeres femininos, como o cuidado com os filhos ou a tecelagem, o chamado gineceu. Essas mulheres recebiam o nome de *melissa*, ou esposas bem-nascidas e representariam um padrão de comportamento feminino. Entretanto, a partir da expansão dos sujeitos históricos, nas novas abordagens e novas fontes históricas foram aplicadas ao estudo das mulheres na Antiguidade, descortinando diversas práticas e condutas por elas desempenhadas nesta sociedade. O objetivo deste trabalho é apresentar as possibilidades de se estudar as jovens esposas que estavam inseridas no mundo do trabalho, ou seja, aquelas que estão fora do *oïkos*. Para isso, iremos contrastar a representação imagética encontrada na cerâmica ática na qual as jovens aparecem desempenhando atividades na esfera pública com a documentação etnográfica escrita por autores de origem grega. Ademais, englobaremos as discussões da História Cultural, estudos de gênero, identidade e subjetividade na análise destas fontes, apontando para outras vivências cotidianas das jovens esposas no mundo helênico.

#### **CONFERÊNCIA 7**

##### **Vida e envelhecer na Idade do Ferro bretã**

*Prof. Dr. Pedro Vieira da Silva Peixoto (UFRJ)*

A conferência discorrerá sobre aspectos do viver e envelhecer na Idade do Ferro bretã, um período que engloba boa parte do primeiro milênio antes da era comum. Explorar a temática para o recorte proposto é algo ainda pouco feito no contexto de produções historiográficas, mesmo no bojo das pesquisas internacionais, e a natureza dos dados para o seu exame durante a Idade do Ferro bretã é desafiadora, dada a fragmentação e caráter lacunar de muitos dos registros disponíveis. A fala estabelecerá, assim, um diálogo com a arqueologia funerária visando a evidenciar possíveis ritos de passagens, valorizações etárias diversas e tratamentos especiais ou percepções atreladas a mudanças acarretadas pelo envelhecimento. Uma atenção particular será direcionada à parcela infantil da população, largamente sub-representada na documentação e nas produções historiográficas. Um

recorte de caráter regional será proposto para o norte bretão, a partir do exame de ritos de inumação encontrados em uma área que corresponde, hoje, à região de Yorkshire, já que o território abriga grandes cemitérios de inumações oferecendo um ponto de partida analítico fértil para a comparação entre os achados.

**SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 07 – SALÃO NOBRE (14:00 às 15:30)**

**Coordenadora: Lolita Guimarães Guerra (UERJ)**

**Jane Harrison, Arthur Evans e a invenção da Grande Deusa Mãe na Modernidade**

*Lolita Guimarães Guerra (UERJ)*

Este trabalho tem por objetivo apresentar a trajetória da criação de uma Grande Deusa pré-histórica no bojo da Arqueologia Clássica, em especial a partir dos trabalhos de Jane Harrison e Arthur Evans. A formulação de uma narrativa da Pré-História centrada no feminino tem suas origens na segunda metade do século XIX com a obra de Johann Bachofen, ‘O Direito Materno’ (1861). Porém, é apenas no início do século XX que essa Pré-História passa a ser vista como principalmente caracterizada pelo culto a uma única e soberana deusa – personagem esta, por sua vez, associada à fertilidade da terra e a características dadas como inatas às mulheres. Para tanto, os ‘Prolegômenos ao Estudo da Religião Grega’ (1903) de Harrison e o monumental ‘O Palácio de Minos em Cnossos’ (1921-1935) de Evans foram fundamentais. Essas obras construíram a base material a partir da qual a Grande Deusa Mãe será imaginada e afirmada como realidade histórica, não apenas de Cnossos e do Egeu da Idade do Bronze, mas de uma Pré-História geral, sem contornos espaço-temporais definidos. A história da invenção da Deusa pela Arqueologia Clássica e sua recepção na Modernidade é uma faceta importante da história dos usos dos passados distantes como referenciais para a afirmação das relações sociais de sexo no presente.

**Lágrimas de Heróis: Uma Análise do Choro na Ilíada de Homero**

*Felipe Soares de Souza (UFRJ)*

Este trabalho visa analisar detalhadamente as cenas de choro na Ilíada de Homero, concentrando-se na construção da masculinidade dos heróis através da expressão das emoções atreladas ao ato de chorar. A partir da identificação e comparação das diversas manifestações de choro presentes no épico, a pesquisa investiga como Homero utiliza essas cenas para moldar a virilidade dos personagens em meio aos desafios emocionais impostos pela Guerra de Troia. Serão exploradas a diversidade e a hierarquia das expressões de choro, bem como as diferenças entre as emoções demonstradas por homens e mulheres na narrativa. O estudo busca compreender a importância do choro na formação do herói homérico e sua influência nas concepções de gênero na Grécia Antiga. Ao iluminar como a vulnerabilidade emocional se integra à construção da virilidade, este trabalho visa oferecer uma

perspectiva nova sobre a psicologia dos personagens homéricos e a cultura emocional na transição do período homérico para o arcaico.

### **A tecelagem na casa grega clássica**

*Lune Garcia de Souza Bezerra (UFRJ)*

Esta comunicação, fruto de um projeto de pesquisa de iniciação científica, tem como objetivo discutir a ocupação feminina do espaço doméstico grego através da localização da atividade de tecelagem nas casas do período clássico. Partindo do pressuposto de que a tecelagem é praticada tradicionalmente por mulheres, argumenta-se que é possível identificar as áreas da casa comumente ocupadas por elas através da identificação dos cômodos onde a tecelagem era praticada. A comunicação se pautará, então, na interpretação dos registros arqueológicos da cidade de Olinto, apresentando as tendências de localização das diferentes “salas de tear” da cidade e discutindo o que elas podem nos informar a respeito da organização social destas casas. Considerando a prevalência do modelo "single entrance, courtyard house" (presente em Olinto) nos outros territórios ditos gregos do período Clássico, estes resultados são então extrapolados para outras cidades. Através da tecelagem, então, esta apresentação defenderá o papel importante que a análise das fontes materiais pode ter na interpretação do espaço doméstico grego e do papel das mulheres dentro dele, em comparação com a visão estabelecida nas fontes escritas.

### **O papel da mulher no Judaísmo do século I sob a ótica cinematográfica de Maria Madalena**

*Christiano dos Santos Barbosa (UFRJ)*

O presente trabalho é resultado da pesquisa realizada sob orientação da professora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, por meio do financiamento da bolsa PIBIC, e desenvolvido junto ao Programa de Estudos Medievais da UFRJ. A pesquisa tem como objetivo, por meio de filmes e de fontes hagiográficas, analisar a trajetória de pessoas reconhecidas como santas pela igreja ou por um grupo com o qual possuía vínculo, e da construção de sua santidade. São priorizados santos cujo culto está presente em manifestações culturais e religiosas na cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de levantar temas presentes no cotidiano para serem debatidos e que possam ser trabalhados em sala de aula na educação básica. Desse modo, unindo pesquisa e ensino dentro e fora do espaço acadêmico. Nesse sentido, o filme Maria Madalena (2018), dirigido por Garth Davis e produzido em conjunto pelo Reino Unido, Estados Unidos e Austrália, narra uma nova versão da Paixão de Jesus, que é contada a partir da perspectiva de Maria Madalena. A protagonista vive em uma família abastada e junto com outras mulheres se dedica a pescar, pegar as redes e costurá-las, mas notamos logo nas primeiras cenas que ela assume um papel diferente do que se costuma veicular em outras obras audiovisuais. No decorrer da trama, ao abandonar sua casa e se unir a Jesus e aos seus discípulos,

causa desconforto a alguns integrantes do grupo por sua proximidade com o mestre e por estar agindo de forma atípica para as mulheres de sua época. Seguindo esse viés, essa releitura fílmica busca se aproximar dos relatos dos apócrifos, sobretudo gnósticos, além de mostrar uma nova ótica face aos evangelhos presentes na Bíblia. Logo, temos como objetivo apresentar um dos resultados obtidos na pesquisa, por meio da documentação hagiográfica produzida sobre Maria Madalena e da obra cinematográfica *Maria Madalena* (2018). Sublinha-se que é possível trabalhar a partir de tais materiais com temáticas que envolvem gênero e o papel da mulher no judaísmo do século I, dando ênfase ao contexto helenístico na Judéia e as limitações impostas a mulheres nesse período, dentre outras. Tais temáticas podem ser conectadas ao presente para serem debatidas em atividades didáticas.

**MESA COORDENADA 13 – SALA 219 (14:00 às 15:30)**

**TEMA: Experiências na Antiguidade Tardia: a conquista da Gália, as práticas de Prisciliano de Ávila e as ações de Constantina**

**Coordenador: Pedro Benedetti (UNESP/FRANCA)**

**Rememorando a Gália: narrativas de conquista e mapas mentais**

*Pedro Benedetti (UNESP/FRANCA)*

As últimas décadas do século IV foram um período particularmente fértil para o surgimento de obras de caráter historiográfico, sejam elas epítomes, breviários, histórias eclesiásticas ou mesmo de natureza “clacissizantes”. Seus objetivos eram tão variados quanto suas formas. Para autores como Eutrópio e Festo, bastava que os imperadores que comissionaram suas obras – e não tinham grande conhecimento das artes liberais – conhecessem em linhas gerais como o Império tomou essas proporções. Outros, como Amiano Marcelino, buscavam resgatar uma historiografia que bebia da fonte tucidideana e evocava um objetivo didático mais grandioso. Em todos os casos, a conquista da Gália no final do período republicano e sua subsequente integração ao ordenamento imperial romano no primeiro século do principado ocuparam lugar importante, seja na narrativa geral dos eventos, seja na descrição geográfica. Argumentaremos, com base no conceito de “mapas temporais” cunhado pelo sociólogo Eviatar Zerubavel, que a evocação da conquista da Gália nas obras historiográficas do século IV, longe de ser fortuita, cumpre um papel fundamental no amplo esforço de manutenção de um ordenamento imperial tardio em que a Gália não se encaixava senão dificilmente.

**O vegetarianismo como prática religiosa de Prisciliano de Ávila e seus seguidores**

*Ana Carolina Picoli Sotocorno (UNESP/FRANCA)*

Muitas práticas atribuídas a Prisciliano e seus seguidores foram consideradas heréticas pela eclesia nicena, incluindo a abstinência do consumo de carne. Esse tema é amplamente discutido na historiografia, mas contamos apenas com documentações posteriores à execução do bispo de Ávila

que mencionam explicitamente os hábitos alimentares dele e de seus seguidores. Prisciliano, na verdade, nunca escreveu nada sobre a adoção do vegetarianismo. No entanto, fontes posteriores, como o I Concílio de Braga, se dedicaram a comentar e associar Prisciliano a tal prática alimentar. Nesta apresentação, temos como objetivo explorar o vegetarianismo como uma prática religiosa na conduta teológica de Prisciliano. Para isso, vamos nos apoiar em seus próprios Tratados Teológicos, a fim de compreender as bases de suas crenças religiosas, e, principalmente, na obra *Das Heresias*, de Agostinho de Hipona, que alegou que os priscilianistas evitavam o consumo de carne por associá-lo a espíritos malignos.

### **A conduta polêmica de Constantina nos relatos de Amiano Marcelino e Filostórgio (Séc. IV EC)**

*Thaís de Almeida Rodrigues (UNESP/FRANCA)*

Supostamente elevada a Augusta por seu pai, o Imperador Constantino (306-337), Constantina (325-354) teve algumas de suas condutas durante os eventos de usurpação que ocorreram no ano de 350 assinaladas por diversos autores tardo-antigos, tais como historiador militar Amiano Marcelino em suas “*Res Gestae*” e o historiador ariano Filostórgio em sua “*História Eclesiástica*”. Em 350, o comandante da guarda imperial de Constante (320-350) se revoltou e seus apoiadores mataram o imperador sob quem serviam. Como resposta a essa usurpação, o exército ilírio apontou o seu próprio imperador, Vetrânio. Constantina teria participado diretamente dessa última revolta, ela mesma tendo convencido o general a se declarar Augusto e se colocar no caminho de Magnêncio até que o irmão sobrevivente, Constâncio II, que combatia os persas no oriente, conseguisse marchar contra o usurpador. Os relatos sobre a estadia de Constantina e seu segundo marido, o César Galo, em Antioquia são igualmente controversos e o casal acaba sendo acusado de atos terríveis por alguns autores do período. Nesta apresentação comentaremos sobre os diversos papéis atribuídos a Constantina pela documentação textual citada e pelos historiadores contemporâneos.

## **SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 08 – SALA 323 (14:00 às 15:30)**

**Coordenadora: Amanda Lemos Fontes (UFRJ)**

### **Como o casamento de Caio Mário e Licínia se relaciona com a Guerra Social**

*Amanda Lemos Fontes (UFRJ)*

Em 97 a.C., Roma passou por um Censo, efetuado pelos então censores Valério Flaco e M. Antônio. Em 95 a.C., aparentemente como resposta ao alto número de *italici* presentes na cidade contabilizados no Censo de 97 a.C., foi instaurada a *Lex Licinia Mucia*, que visava a expulsão e punição de falsos cidadãos de Roma, pelos cônsules Múcio Cévola Pontifex e Licínio Crasso. Nesse mesmo ano, o único caso (que temos conhecimento) que foi a julgamento cujo réu foi acusado sob os preceitos dessa lei tomou lugar: T. Matrínio de Espoleto foi acusado de presumir falsamente a cidadania romana,

mas, ao ser defendido por seu patrono, Caio Mário, saiu vitorioso. Pouco tempo depois, em 92 a.C., Roma passaria por um novo Censo, sob o comando de Licínio Crasso (o mesmo que aprovou a *Lex Licinia Mucia*) e Cneu Domício Enobarbo. Há de destacarmos que foi nesse mesmo ano, pouco antes da instauração do Censo, que o filho de Caio Mário, homônimo de seu pai, se casou com Licínia, filha de Licínio Crasso. Um ano depois da conclusão do Censo, agora em 91 a.C., eclodiu a Guerra Social. Com a presente comunicação, assim, objetivamos conectar todos os eventos mencionados de forma que eles façam sentido e o matrimônio de Caio Mário com Licínia possa se cristalizar como uma tentativa de apaziguamento das mágoas dos *italici* através da construção de laços de *adfinitas* entre duas figuras centrais no conflito desse contingente com Roma.

**“Os presentes que criam os amigos”: breves considerações sobre o viés moral das trocas políticas romanas entre os séculos I a II d.C.**

*Mayan Rodrigues Melo Braga (UFRJ)*

Em sua obra *Ilhas de História*, Marshall Sahlins, se propondo a uma “microsociologia” dos agentes históricos, pontuou que o comportamento dos grupos sociais deriva de uma relação preexistente, na qual a amizade produz o auxílio material: assim, o relacionamento normalmente e normativamente prescreve um modo apropriado de interação. Entretanto, se “os amigos criam os presentes”, “os presentes também criam os amigos”, ou seja, as dádivas são produtos de atração e manutenção das relações sociais. Partindo de tal pressuposto e tomando como análise algumas das relações sociais expostas nas Cartas de Plínio, o Jovem, buscamos oferecer um panorama sobre a organicidade das trocas políticas simétricas, considerando como as noções de *beneficium* e *gratia* eram primordiais para a manutenção de privilégios e interesses entre os membros da elite romana da época.

**Os vínculos financeiros e o apoio que proporcionavam em períodos de crise (I A.E.C.)**

*Rafaela Manha da Costa (UNESP/FRANCA)*

A influência das redes interpessoais sobre a vida cotidiana no último século da República ultrapassava o âmbito político e atingia, também, a esfera econômica. A sociabilidade financeira compunha uma das bases do universo público romano e era uma ferramenta valiosa para conquistar objetivos e solucionar crises. O senador Marco Túlio Cícero, na qualidade de *homo novus*, exemplifica de modo nítido quão necessárias eram as articulações sociais e financeiras em meio às tensões do século I A.E.C. A relação mantida por ele com o equestre Tito Pompônio Ático é uma amostra da monetização dos vínculos antigos e revela como tais contatos poderiam oferecer um apoio singular em episódios de instabilidade. Na documentação ciceroniana, em particular nas suas cartas a Ático, a relevância dos laços interpessoais monetários está expressa em seus desabafos e solicitações de serviços

financeiros ao equestre. Logo, para esta comunicação temos como objetivo comentar as relações econômicas possíveis no mundo econômico republicano e a quão úteis elas poderiam ser.

**SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 09 – SALÃO NOBRE (16:00 às 17:30)**

**Coordenador: Luis Filipe Bantim de Assumpção (UNIVASSOURAS)**

**A Função dos Astínomos na Ordem Pública de Atenas durante o Século V a.C.**

*Allan Cezar Alonso (UERJ)*

Em Atenas, sobretudo no século V a.C., a manutenção da ordem pública foi fundamental para o desenvolvimento como o funcionamento do novo sistema político, a Democracia. Sob essa perspectiva a polis dos atenienses promulgou legislações que, sistematicamente caminharam atendendo a demanda social. Uma polis emergente que agregava uma densidade demográfica crescente, além de uma pluralidade étnica, já que o desenvolvimento econômico, social e político atraía indivíduos de todo o Egeu. Esse espaço diversificado necessitava de dispositivos de controle social, como as legislações, contudo, esses estatutos precisavam ser aplicados sobre o dêmos. É a partir desse contexto que, com a Democracia, identificamos em Atenas um poder análogo ao de polícia, com atribuições semelhantes ao que conhecemos na atualidade. Esse poder era descentralizado, alcançando cidadãos atenienses que eram eleitos com a atribuição de fiscalização e aplicação de punição a luz das legislações, conhecidos como astínomos.

**O asno e o garanhão: diálogos entre Apul. Met. 7.14-16 e Ver. G. 3.49-348**

*Fabrizio Sparvoli (USP)*

Em certa altura de O asno de ouro, de Apuleio (Met. 7.14-16), narra-se um curioso episódio em que o asno Lúcio, protagonista do romance, é presenteado, não sem algum contratempo prévio, com o envio a um pasto onde poderá descansar. Nesse lugar, Lúcio engrça-se por algumas éguas, mas vê-se vítima da oposição de certos cavalos, que, garanhões do rebanho e mais fortes do que o asno, buscam afastá-lo dessa espécie de degeneração em forma de adultério (*adulterio degeneri precauentes*). Esta comunicação busca analisar tal episódio à luz de dois aspectos. Em primeiro lugar, a partir de possíveis relações intertextuais com o Canto III das Geórgicas, de Vergílio. Como aponta a crítica, as Geórgicas, compostas entre a batalha de Filipos (42 a.C.) e de Ácio (31 a.C.), inserem-se em um contexto no qual Otaviano buscava estabelecer seu poder (CONTE, 1994, p. 272-273). Não raramente, referências, diretas ou alusivas, a eventos do período, bem como à figura de Otaviano, ocorrem ao longo de toda obra. O Canto III, particularmente, revela um diálogo muito fino com sua época, ao iniciar-se com uma referência ao próprio Otaviano (G. 12-48) e encerrar-se com a narração da peste nórica (G. 478-566), um episódio lido como alusivo às guerras civis (GARDNER, 2019). Como se tende a enfatizar esses dois aspectos do Canto III, pouca importância tem sido dada às referências ao cuidado de cavalos, bem como aos efeitos deletérios que os prazeres de Vênus podem causar ao rebanho (G. 49-348), que, consideradas em chave alegórica, podem revelar um tratamento poético de um primeiro esforço de política moralizadora de Augusto já nos anos 30 a.C., ainda

que apenas aventada por rumores (MARTINS, 2015). Analisado intertextualmente como diálogo entre dois gêneros literários, o episódio de Apuleio pode revelar, portanto, certo processo de reformulação, pelo romance romano, de elementos épicos.

O segundo aspecto que esta comunicação busca explorar, desenvolvendo o tópico anterior, é como se dá a formulação do episódio de Apuleio em seus próprios termos. Particularmente, busca-se observar como é representada a relação do asno Lúcio com os garanhões daquele rebanho a que é enviado. Nesse sentido, faz-se necessário compreender quais são os níveis de subalternidade (JOLY, 2023) que se constroem entre essas duas categorias de personagens, como cada uma delas agencia suas posições particulares e como essa situação de adultério instaura um contexto de reformulação das relações entre indivíduos de uma certa comunidade (SPARVOLI, 2023).

### **Conflitos civis, insubordinação e punição militar: notas sobre a narrativa de Apiano de Alexandria**

*Amanda Prima Borges (UFRJ)*

A disciplina militar foi uma questão tratada com toda severidade ao longo da História de Roma: entendia-se que a capacidade de manter os componentes das fileiras militares organizados e obedientes era uma forma importante de garantir vitórias no campo de batalha. Por isso, medidas punitivas - que variavam do constrangimento público até a morte - eram tipicamente aplicadas para casos de soldados que fossem descobertos roubando, sendo relapsos ou agindo contra as ordens expressas de seus comandantes, fosse saqueando ou matando sem permissão, fosse abandonando seus postos ou se recusando a engajar em batalhas. Apesar disso, ao longo das páginas do *Emphyilia*, de Apiano de Alexandria, é possível identificar diversos casos de amotinamento de soldados romanos e, também, outros atos de desobediência direta às ordens de generais ou oficiais superiores durante as guerras civis da República Tardia. Desse modo, no recorte proposto para essa comunicação, o objetivo é analisar alguns casos de insubordinação militar descritos por Apiano que tomaram forma, especificamente, como reação à tentativa de disciplinamento das tropas através da aplicação de medidas punitivas de grande grau de severidade.

### **A construção de guerreiras bretãs nos Anais de Tácito**

*Laís Alves Ribeiro (UFRJ)*

O estudo dos clássicos continua a ser extremamente relevante e contemporâneo. Com o acesso à novas tecnologias e pesquisas, a releitura desses textos pode sempre oferecer novas perspectivas para a comunidade acadêmica. Devido à autoridade de Tácito e à sua influência na historiografia moderna, o estudo da representação que ele faz de outros sujeitos em suas obras revela-se extremamente valioso para debates sobre as marcas autorais presentes na construção de personagens na literatura clássica romana. A comunicação pretende explorar como Tácito inclui suas concepções sobre o principado e gênero em seu discurso sobre as rainhas-guerreiras bretãs, especificamente Boudica e Cartimandua, em uma de suas obras, *Anais*. O método utilizado será a análise discursiva proposta por Eni Orlandi. De maneira ampla, a comunicação se insere nos grandes blocos temáticos

que abordam as relações entre Roma e suas províncias no período imperial, as perspectivas concernentes à ordem senatorial nos primeiros séculos da era comum e os estudos sobre a construção de gênero nos autores greco-romanos.

**Os elementos socráticos da Constituição dos Lacedemônios de Xenofonte**

*Luis Filipe Bantim de Assumpção (UNIVASSOURAS)*

Após analisarmos o corpus de Xenofonte, notamos que a liderança, a piedade e o autocontrole eram qualidades virtuosas de seus principais líderes. No entanto, os escritos socráticos de Xenofonte evidenciam que essas características exaltadas pelo autor são manifestações da sua representação de Sócrates. Sendo assim, propomos discutir a similitude entre as atitudes do mítico legislador Licurgo para aprimorar Esparta com aquilo que o Sócrates de Xenofonte havia “ensinado”. Para tanto, levantamos a hipótese de que a Constituição dos Lacedemônios seria uma denúncia a Atenas, pólis responsável por condenar Sócrates à morte e exilar Xenofonte, o qual se utilizou dos costumes de uma Esparta ideal para demonstrar como seria uma politeia capaz de produzir e formar “homens socráticos”, logo, cidadãos “perfeitos”.

**MESA COORDENADA 14 – SALA 219 (16:00 às 18:00)**

**TEMA: Experiências Religiosas no Mediterrâneo: Arqueologia e Identidade**

**Coordenador:** Vítor Luiz Silva de Almeida (USP)

**Arqueologia e Interações Culturais no Antigo Oriente Próximo: O governo Selêucida na Palestina Antiga**

*Vítor Luiz Silva de Almeida (USP)*

Esta comunicação tem por objetivo apresentar o tema da Interação Cultural, a partir da produção monetária dos Selêucidas nos antigos territórios da Samaria e Judeia, considerando questões vigentes em debates contemporâneos, como imperialismo, contatos entre diferentes tradições religiosas e o *modus operandis* deste processo histórico, considerando as agências das culturas locais e exógenas em simetria analítica. O horizonte último desta apresentação é fomentar o debate acerca das produções de conceitos, a partir do emprego da metodologia arqueológica e historiográfica no que concerne as mudanças culturais partir dos contatos entre os povos nativos e grupos sociais advindos da cultura macedônico-helenística, inseridos no grande movimento de “mediterraneização” do Antigo Oriente Próximo.

**Materialidade religiosa na Roma Palestina: experiências urbanas e identitárias no estudo de caso de Tel Dor, Israel**

*Letícia Aga Pereira Passos (USP)*

Esta comunicação procura entender as dinâmicas identitárias do sítio arqueológico de Tel Dor, em Israel, no recorte cronológico da conquista romana na região Leste do Império (século I AEC ao século III EC). Sob o prisma das materialidades religiosas encontradas no âmbito urbano, objetiva-se analisar o processo de formação e transformação da cultura religiosa através das experiências de pertencimento e movimentação do espaço citadino. Entre as materialidades, daremos destaque à moeda e sua circulação no plano urbano, à organização e uso do espaço sacro e outros objetos arqueológicos.

**O Santuário de Afrodite em Palaipafos: Organização do Espaço e Culto**

*Leandro Gatti (USP)*

Um dos Santuários mais famosos da Antiguidade em honra à Deusa Afrodite e mencionado por diversos autores tanto do mundo antigo quanto de períodos posteriores, tem suas ruínas localizadas na ilha de Chipre, no extremo leste do Mar Mediterrâneo e próxima à costa da Ásia Menor. O local sagrado esteve em atividade ininterrupta desde seu estabelecimento no final da Idade do Bronze até meados do século IV da Era Comum, quando uma série de fatores, entre eles terremotos e expansão da fé cristã, contribuiu para o encerramento de suas atividades oficiais. Sua importância o fez figurar não apenas em histórias da mitologia e relatos literários e históricos, mas também ilustraram moedas cunhadas na ilha e fora dela no período do Império Romano (Entre os séculos I e III). Esta comunicação buscará esclarecer possíveis elementos que tornaram únicos o espaço do Santuário e o culto à Afrodite baseada em descrições de documentos escritos, artefatos e nas escavações ocorridas no local entre o final do século XIX e o início do século XX.

**“Trabalho sobre Trabalho, Trabalha”:** Cultura Material, Saúde e Trabalho no Asklepieion Coríntio  
(Sécs. V e IV)

*Mariana Figueiredo Virgolino (USP)*

Apesar de ser uma pólis que se destacou na Antiguidade grega por seu pujante comércio, é possível notar -pelo arranjo do panteão- que os princípios vigentes na cidade pólis de Corinto se atrelavam à agricultura. Nem mesmo a ação da tirania dos Cipséidas (sécs.VII-VI a.C.), que durou 75 anos, apagou os traços aristocráticos presentes na cultura coríntia. Apesar de ser envolvida no setor mercantil, a elite local, como as demais oligarquias gregas, era detentora de terras e valorizava a agricultura como a ocupação ideal. Na presente comunicação, pretendemos perscrutar como a saúde dos pode ser percebida em seu aspecto material. Para tanto, analisaremos ex-votos encontrados no

Asklepieion da cidade que, acreditamos, podem ser conectados ao mundo do trabalho e à importância que a agricultura e o artesanato desempenhavam na vida local durante o período clássico (séculos V e IV a.C.)

### **"A Casa do deus": Orientação Atrônômica de Templos Micênicos**

*Gustavo Jorge Peloso Peixoto (USP)*

Nas últimas décadas uma série de templos da Idade do Bronze foram escavados em sítios como Ayia Irini, Epidauro, Methana, Micenas, Midea, Phylakopi, Pilos e Tirinto. Porém, não se sabe para qual deus ou deusa cada um dos templos foi dedicado. A falta de dados e de textos da Idade do Bronze gerou uma visão de que o culto seria pouco especializado e destinado a vários deuses. Apesar dessa visão, temos menções nos tablets de Linear B, um sistema de escrita micênico, a “casas” ou “moradas” de um deus específico, algo que indica a especialização do espaço de culto, assim como ocorre em templos de período Arcaico e Clássico. Nosso objetivo é investigar a orientação desses templos e sua relação com os céus na Idade do Bronze. Nossa hipótese a ser testada é a de que a orientação de um templo, quando voltado para um evento solar, lunar ou estelar, pode revelar o atributo de uma divindade. O estudo de caso escolhido para essa comunicação será o Room with the fresco do Centro de Culto de Micenas. Este local está voltado para o Solstício de Verão e o poente do Cinturão de Órion, este último relacionado com a época do plantio do trigo. Em conjunto com o estudo dos afrescos e dos objetos desse local, acreditamos que ele seria dedicado ao culto da “Senhora dos Grãos” (si-to po-ti-ni-ja).

## **SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 10 – SALA 323 (16:00 às 18:00)**

**Coordenador: Douglas de Souza Liborio (UFF)**

### **Deuses Modernos: A Releitura de Rick Riordan da Mitologia Grega em "Percy Jackson e Os Olimpianos"**

*Aryella Moulin Pereira (UFRJ)*

Os livros infantojuvenis da saga "Percy Jackson e os Olimpianos", escritos por Rick Riordan, são uma releitura ficcional fortemente pautada no contato com a mitologia grega clássica, introduzindo narrativas e aspectos das teogonias helênicas de forma lúdica para audiência juvenil. Este trabalho objetiva analisar as recepções da antiguidade, compreendendo as mudanças e adaptações feitas pelo autor, examinando assim, como a literatura pode ser utilizada para ensinar sobre mitologia grega. A análise das recepções da antiguidade feitas por Riordan permite entender como ele equilibra o contato com as fontes textuais da Grécia Antiga e a inovação, contribuindo para a popularização da mitologia entre os jovens. Ao reinterpretar os mitos gregos, Riordan consegue tornar acessível e interessante um conteúdo tradicionalmente complexo, demonstrando que a mitologia ainda pode cativar e educar

novas gerações, ademais as conexões educacionais estabelecidas com conteúdos da Antiguidade na obra são parte de um esforço intencional do autor para educar seus leitores sobre os contextos e referenciais da cultura textual e material da Antiguidade clássica.

**Asclépio e os Sonhos: A construção da relação onírica com o divino**

*João Vitor Viana Vilar (UFRJ)*

Nesta comunicação objetivamos apresentar uma discussão acerca da relação entre o deus Asclépio e o fenômeno onírico na Antiguidade. Por se tratar de uma ocorrência biológica e comum à vida cotidiana, os sonhos ganharam diversos questionamentos, ainda na Antiguidade, com documentos produzidos por grandes filósofos da época. Indo de maneira mais profunda, dentre as divindades presentes no contexto onírico greco-romano, é observado que o deus curativo seria o ser divino que mais produziu fontes no gênero e figura múltiplas aparições em sonhos — podendo ser majoritariamente apresentado durante esses eventos. O principal e único dream book a chegar na íntegra até a atualidade, a Oneirocritica, concorda que não devia existir uma divindade curativa no mesmo patamar proferido a ele, ademais por possuir poderes desde adivinhatórios a curativos, inclusive sendo uma das poucas capazes de desempenhar com perfeição os dois papéis. A historiografia, de certo modo, demonstra em grau sua importância e amplitude de influência, sobretudo em tempos de crises epidêmicas. Seu valor, muito se deu devido a sua origem mitológica e descendência direta de Apolo, principal figura oracular e medicinal no ambiente grego. Assim, considerando-se tudo o que foi apresentado, convém expressar uma construção da figura de Asclépio e sua influência no ambiente da Antiguidade, além da sua inseparável relação com os sonhos.

**Um Olimpo à “brasileira”: sobrevivências da mitologia greco-romana no imaginário artístico e político do Brasil republicano (180-1945)**

*Douglas de Souza Liborio (UFF)*

A presente comunicação visa discutir a sobrevivência da Antiguidade greco-romana na modernidade dos Entresséculos do Brasil. Especificamente, propõe-se a rastrear a migração das divindades e sua presença nos programas artísticos dos espaços de poder da cidade. De forma dilatada, espalhando-se para além de uma arte tradicionalmente “estetizante”, busca-se compreender como os mitos da cultura pagã foram “reatualizados” para a realidade brasileira, integrando uma cultura visual vibrante a partir da interação das “belas artes” com uma experiência urbana de modernização. É marcado também como motor da investigação o estudo das imagens antiquizantes para a compreensão de um modelo temporal específico da imagem, que escapa à linearidade da história tradicional ao abarcar heterocronias e anacronismos. Buscar-se-á discutir o trânsito de artistas como mediadores da cultura

greco-romana nos Palácios Pedro Ernesto e Tiradentes, primeiros edifícios de autoridade republicana e sedes dos Legislativo carioca, fluminense e nacional por quase cem anos.

### **Os debates acerca da escavação e restauro do Mausoléu de Augusto no ventennio fascista**

*Augusto Antônio de Assis (UNIFESP)*

O Mausoléu de Augusto, erigido em 28 a.C. por Otaviano, observou, ao longo dos dois últimos milênios, uma miríade de usos das mais diversas matizes. De sepulcro imperial da primeira dinastia romana, passando por fortaleza, jardim, anfiteatro de touradas e oficina, o monumento é transformado, no início do século XX, em uma sala de concertos. Com a ascensão do regime fascista ao poder e a subsequente mirada instrumental em direção à Antiguidade, o Mausoléu receberá renovada atenção. Uma escavação arqueológica mais sistemática será empreendida, visando a sua reconstrução. Todavia, as propostas para restauro do monumento protagonizaram um intenso espaço de debates, com argumentos de ordem arquitetônica, histórica e política. Mesmo após o início das obras, declarado em 1934 por Mussolini, algumas modificações nos planos originais são observadas. Desse modo, a presente comunicação objetiva analisar criticamente as discussões efetuadas e as resoluções tomadas. Para tanto, os argumentos de diversos indivíduos envolvidos serão cotejados, como os arqueólogos Giulio Quirino Giliogli e Antonio Maria Colini, o engenheiro Massimo Poscetti e os arquitetos Guglielmo Gatti e Antonio Muñoz. Pretende-se, assim, ampliar a compreensão de um dos mais paradigmáticos momentos da relação entre Antiguidade e Modernidade levada a cabo pelo regime fascista.

### **Sacerdócio e poder imperial augustano através dos usos do passado e das representações político-religiosas de Tito Lívio na obra *Ab Urbe Condita* (livros I-V)**

*João Pedro de Almeida Castro (UNESP)*

A comunicação aqui apresentada tem como recorte histórico o íterim dos séculos I AEC e I EC, período de destaque em estudos que abarcam a transição da República Romana para Principado Augustano. Transição essa que atualmente é interpretada como continuidade pela historiografia especializada, resultado do reconhecimento de que as alterações políticas que constituíram o Principado de Augusto não caracterizaram ruptura concreta e singular com a estrutura de poder republicana. Inserido na conjuntura em questão, situa-se Tito Lívio (64/59 AEC – 17 EC), historiador latino oriundo da província de patavium e autor da fonte de nosso estudo, *Ab Urbe Condita*. A obra, em expressivo volume, tratou de narrar toda a história de Roma, partindo dos primórdios da cidade, em passado anterior a fundação da própria Urbs. É consenso entre especialistas da narrativa titoliviana que Tito Lívio tratou de construir em sua obra um passado exemplar que se remeteu a questões de

seu tempo, constituindo-se enquanto ferramenta pedagógica para os romanos do século I AEC e I EC, mediante um passado idealizado em prol dos propósitos do autor. Dentre a diversidade de temáticas presentes na composição titoliviana, destaca-se a recorrente menção do autor à elementos constituintes da religião romana, para nosso estudo enfatizamos a constituição e atuação das figuras sacerdotais na obra de Lívio, que na narrativa constituem uma das principais portadoras de tradição e autoridade nos primórdios da Urbs, constituindo-se enquanto autoridade ímpar. Ademais, interpretamos as figuras e ofícios sacerdotais presentes em *Ab Urbe Condita* enquanto representações político-religiosas, tendo em vista a íntima relação entre a religião e o poder, associação comum à concepção dos romanos do período. Nesse sentido, o emprego do sacerdócio associado a tradição e consequentemente a estrutura de poder, recebeu considerável atenção do princeps Augustus entre os séculos I AEC e I EC. Otávio Augusto foi amplamente representado como sacerdote, fez largo uso da autoridade sacerdotal e promoveu diversas reformas religiosas na Urbs que tiveram fulcral importância para a constituição do poder imperial. Destarte, dadas as considerações aqui realizadas, situamos nossa hipótese de trabalho. Acreditamos que realizando as possíveis correlações entre as representações político-religiosas de Tito Lívio e o processo de construção do poder imperial augustano, será possível sondar de que modo a concepção de sacerdócio presente na obra titoliviana pode ter atuado em proveito das políticas religiosas augustanas e delimitado a autoridade sacerdotal reivindicada por Augustus, mediante os possíveis usos arbitrários do passado construído na narrativa do referido autor. Para contemplar a hipótese apresentada, lançamos uso da primeira pêntrade de livros da obra, que narram todo o período monárquico romano e o estabelecimento da República e do consulado.

## CONFERÊNCIAS DE ENCERRAMENTO – SALÃO NOBRE (18:00-20:00)

### CONFERÊNCIA 8

#### **Vivência médica de Oribásio e Juliano: a dieta alimentar do exército romano entre 355 e 363 EC**

*Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho (UNESP/Franca)*

Dentre as diversas experiências de vida do Imperador Juliano, destacamos o relacionamento que ele tinha com o médico Oribásio de Pérgamo e sua admiração pela medicina. Desde que começamos nossa investigação acerca desse médico e Juliano, notamos que a conexão existente entre esses dois personagens históricos nos trouxe muitos elementos novos e evidentes com a junção do conhecimento médico oribasiano e a filosofia neoplatônica que envolve a vida desses amigos. Esse fato gerou uma nova vivência nas atitudes do imperador. Nosso objetivo nessa conferência é, em primeiro lugar, interpretar a ligação de Juliano com a medicina e o valor que o próprio dava aos médicos através de

alguns de seus discursos filosóficos, cartas e leis. Em segundo, perceber que, ao solicitar um manual de alimentação a Oribásio, Juliano tinha como intenção fortalecer a si mesmo e as suas tropas militares, tanto como *César* quanto como *Augusto*. Ao observar as práticas militares, os exercícios físicos e a necessidade de certos alimentos para o fortalecimento do *César* Juliano e de suas tropas, Oribásio teria escrito e aperfeiçoado a lista de alimentos e bebidas que deveriam ser ingeridos pelo seu público-alvo. Proveniente dessa ideia, é igualmente, aquela preocupação do imperador com o abastecimento militar durante o treinamento e no momento das guerras contra os persas.

## **CONFERÊNCIA 9**

### **Expériences et images du temps dans les traductions françaises des *Triumphes* de Pétrarque au début du XVI<sup>e</sup> siècle : les usages de la mémoire antique de l'Antiquité**

*Profa. Dra. Catherine Gaullier-Bougassas (Université de Caen)*

Les *Trionfi* de Pétrarque sont l'œuvre de toute une vie et le dernier texte achevé de l'auteur. Pétrarque commence à les écrire, en italien, en 1351, alors qu'il a 47 ans et qu'il a rencontré vingt-quatre ans auparavant, à Avignon, Laura, la femme qu'il aime sans retour et à laquelle il a consacré son *Canzoniere*. Il poursuit la composition des *Triumphes* jusqu'à sa mort en 1374. Cette œuvre relate une suite de six triomphes, représentée comme une succession d'expériences temporelles et d'images temporelles. Ces triomphes d'allégories, successivement vaincues l'une par l'autre, scandent les étapes de la vie humaine, sur terre et après la mort, dans la mémoire et dans l'au-delà chrétien. Le texte connaît un très large succès et franchit les Alpes. Les adaptations et traductions en français sont ainsi nombreuses dès 1475 jusqu'au milieu du XVI<sup>e</sup> siècle. Plusieurs de ces traductions contiennent des ajouts, parfois très longs, et leurs manuscrits sont souvent très enluminés. Ces ajouts et un certain nombre de peintures viennent renforcer le poids des références antiques dans les représentations de plusieurs expériences temporelles du poète. La majorité concerne les membres des cortèges des triomphes, d'autres, en moins grand nombre, la représentation de quelques allégories. J'aimerais ici étudier quelques-uns de ces recours à l'Antiquité et de ces exploitations de la mémoire de l'Antiquité pour représenter des expériences du temps dans ces traductions françaises et les images de quelques manuscrits : avant tout les triomphes des allégories Amour et Temps, et dans une moindre mesure les allégories Mort et Renommée.

RESUMO DA PROGRAMAÇÃO

<b>9 de setembro</b>	<b>10 de setembro</b>	<b>11 setembro</b>	<b>12 de setembro</b>
<p><b>RECEPÇÃO DOS COMUNICADORES, CONFERENCISTAS E OUVINTES (13:00)</b></p>	<p><b>CONFERÊNCIAS 01 E 02 (10:00-12:00)</b> Salão Nobre</p>	<p><b>SESSÕES DE APRESENTAÇÃO (10:00-12:00)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Sessão de Comunicação 04 (Salão Nobre)</li> <li>Mesa Coordenada 08 (Sala 227)</li> </ul>	<p><b>CONFERÊNCIA 06 E 07 (10:00-12:00)</b> Salão Nobre</p>
INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
<p><b>MESAS COORDENADAS E SESSÕES DE COMUNICAÇÃO (14:00 - 15:30)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mesa Coordenada 01 (Salão Nobre)</li> <li>Mesa coordenada 02 (Sala 227)</li> <li>Sessão de comunicação 01 (Sala 106)</li> </ul>	<p><b>CONFERÊNCIA 03 (14:30 às 15:30)</b> Salão Nobre</p>	<p><b>SESSÕES DE APRESENTAÇÃO (14:00-15:30)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mesa Coordenada 09 (Sala 310)</li> <li>Sessão de Comunicação 05 (Sala 227)</li> </ul>	<p><b>MESAS COORDENADAS E SESSÕES DE COMUNICAÇÃO (14:00 - 15:30)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Sessão de Comunicação 07 (Salão Nobre)</li> <li>Mesa Coordenada 13 (Sala 219)</li> <li>Sessão de Comunicação 08 (Sala 323)</li> </ul>
<p><b>MESAS COORDENADAS (16:00 - 17:30)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mesa Coordenada 03 (Salão Nobre)</li> <li>Mesa coordenada 04 (Sala 227)</li> </ul>	<p><b>MESAS COORDENADAS E SESSÕES DE APRESENTAÇÃO (16:00 - 17:30)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mesa Coordenada 06 (Salão Nobre)</li> <li>Mesa Coordenada 07 (Sala 227)</li> <li>Sessão de Comunicação 03 (Sala 306)</li> </ul>	<p><b>MESA COORDENADA (15:30 - 17:00)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mesa coordenada 10 (Sala 310)</li> </ul> <p><b>MESA COORDENADA (16:00 - 17:30)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mesa coordenada 11 (Sala 227)</li> </ul>	<p><b>MESAS COORDENADAS E SESSÕES DE COMUNICAÇÃO (16:00 - 17:30)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Sessão de Comunicação 09 (Salão Nobre)</li> <li>Mesa Coordenada 14 (Sala 219)</li> <li>Sessão de Comunicação 10 (Sala 323)</li> </ul>
<p><b>MESAS COORDENADAS E SESSÕES DE APRESENTAÇÃO (18:00 - 20:00)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mesa Coordenada 05 (Salão Nobre)</li> <li>Sessão de comunicação 02 (Sala 227)</li> </ul>	<p><b>CONFERÊNCIAS 4 E 5 (18:00 - 20:00)</b> Salão Nobre</p>	<p><b>MESAS COORDENADAS E SESSÕES DE APRESENTAÇÃO (18:00 - 20:00)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mesa Coordenada 12 (Salão Nobre)</li> <li>Sessão de Comunicação 06 (Sala 227)</li> </ul>	<p><b>ENCERRAMENTO CONFERÊNCIAS 08 E 09 (18:00 às 20:00)</b> Salão Nobre</p>

## ÍNDICE DE AUTORES

Alexandre Galvão Carvalho.....	32
Alexandre Santos de Moraes.....	24
Alfredo Bronzato da Costa Cruz.....	30
Allan Cezar Alonso.....	58
Amanda de Carvalho Santos Lima.....	17
Amanda Lemos Fontes.....	56
Amanda Prima Borges.....	59
Ana Beatriz Siqueira Bittencourt.....	09
Ana Bustamante Ayala.....	22,48
Ana Carolina Picoli Sotocorno.....	55
Ana Clara Hildebrandt Marques de Souza Costa.....	23,48
Ana Thereza Basilio Vieira.....	14
Anne Caroline Santos Nunes.....	42
Aryella Moulin Pereira.....	62
Augusto Antônio de Assis.....	64
Bárbara Alexandre Aniceto.....	26
Beatriz Ponte.....	47
Bernardo Belfort.....	29
Bruna Silva de Abreu.....	08
Bruno Amaral Oliveira.....	43
Bruno de Cerqueira Braz.....	47
Camila Sartorio Sfalsin.....	51
Carlos Felipe Vitorino dos Santos Carneiro.....	39
Catherine Gaullier-Bougassas .....	66
Christiano dos Santos Barbosa.....	49,54
Danilo Oliveira Nascimento Julião.....	15
Diego Veloso Vieira.....	31
Douglas de Souza Liborio.....	63
Douglas Gonçalves de Souza.....	14
Eduardo de Oliveira.....	39
Fábio de Souza Lessa.....	40
Fabício Sparvoli.....	58
Felipe Marques Maciel.....	44
Felipe Nascimento Araujo.....	29
Felipe Soares de Souza.....	53
Gabriel Heil Figueira da Silva.....	08
Gabrielle Fabrício e Silva.....	17
Gisela Chapot.....	11
Glauce de Souza Luz.....	37
Gustavo Henrique Marques Maciel.....	46
Gustavo Jorge Peloso Peixoto.....	62
Ian Moura Gomes do Nascimento.....	35
Isadora Laís Moreira Bachiega.....	34
Jefferson Roberto Batista dos Santos.....	10
Jéssica da Costa Minati Moraes.....	50
Jéssica de Moraes Silva.....	11
Jerrison Patu de Melo Alves.....	46
João Pedro Barros Guerra Farias.....	45

João Pedro de Almeida Castro.....	64
João Vinícius Feitosa.....	26
João Vitor Viana Vilar.....	63
Jonathan Cruz Moreira.....	37
Jose Roberto de Paiva.....	28
Junio Cesar Rodrigues Lima.....	28
Laís Alves Ribeiro.....	59
Lais Felipe Lucon.....	27
Laís Laia Duarte.....	38
Larissa Barbosa de Oliveira.....	47
Larissa Fernandes Nogueira.....	16
Leandro Gatti.....	61
Lennyse Teixeira Bandeira.....	41
Leonardo Viola.....	50
Letícia Aga Pereira Passos.....	61
Lolita Guimarães Guerra.....	53
Lucas Dias Ferreira.....	42
Lucas Malafaia Carvalhaes de Figueiredo.....	41
Lucas Vieira.....	34
Luis Filipe Bantim de Assumpção.....	60
Luisa Amado Monteiro.....	16
Luiza Santos Freire de Souza.....	21,48
Lune Garcia de Souza Bezerra.....	54
Margarida Maria de Carvalho.....	65
María Cecilia Colombani.....	24
Maria Cristina Nicolau Kormikiari.....	25
Maria Eduarda dos Santos Fortunato.....	19
Maria Helena Mattos da Silva.....	20
Maria Regina Candido.....	30
Mariana Figueiredo Virgolino.....	61
Mariana Pinheiro da Costa Chaves.....	19
Mariany Mathias Rosa.....	45
Mateus Mello Araujo da Silva.....	21
Mayan Rodrigues Melo Braga.....	57
Milena Rosa Araújo Ogawa.....	27
Naiara Müssnich Rotta Gomes de Assunção.....	18
Nathalia Monseff Junqueira.....	52
Paulo César de Souza.....	12
Paulo Marcio Feitosa de Sousa.....	09
Pedro Benedetti.....	55
Pedro Vieira da Silva Peixoto.....	52
Pedro Vieira Martins.....	22
Rafael Guimarães Tavares da Silva.....	33
Rafael Silva dos Santos.....	30
Rafaela Manha da Costa.....	57
Rainer Guggenberger.....	07
Regina Maria da Cunha Bustamante.....	36
Renan Furtado de Luna.....	13
Roberta Rubinstein.....	44
Stefanie Machado Costa.....	35

Stéphanie Barros Madureira.....	40
Thaís de Almeida Rodrigues.....	56
Thais Montenegro do Patrocínio.....	15
Vanessa Trompieri Gaudêncio.....	49
Victor Lisboa da Fonseca Santos.....	31
Vinicius Francisco Chichurra.....	07
Vítor Luiz Silva de Almeida.....	60

## UNIVERSIDADES PARTICIPANTES

Universidad Nacional de Mar del Plata

Universidad de Morón

Universidade de São Paulo

Universidade de Vassouras

Universidade Estadual de Alagoas

Universidade Estadual de Montes Claros

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Universidade Estadual Paulista

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Universidade Federal de Pernambuco

Universidade Federal de São Paulo

Universidade Federal do Espírito Santo

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Pampa

Universidade Federal do Paraná

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Universidade Federal Fluminense

Université de Caen

Realização



Apoio

